



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.
CAMPOS SENADOR HELVIDIO NUNUS DE BARROS.
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

EUNICE CARVALHO ROCHA

**ENTRE A BAILARINA PEQUENINA E O MENINO AZUL:
A ESCRITA INFANTIL DE CECÍLIA MEIRELES (DÉCADAS DE 1920 e 1930).**

PICOS- PI

2017

EUNICE CARVALHO ROCHA

**ENTRE A BAILARINA PEQUENINA E O MENINO AZUL:
A ESCRITA INFANTIL DE CECÍLIA MEIRELES (DÉCADAS DE 1920 e 1930).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

PICOS-PI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

R672e Rocha, Eunice Carvalho

Entre a bailarina pequenina e o menino azul: a escrita infantil de Cecília Meireles (décadas de 1920 e 1930). / Eunice Carvalho Rocha. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (53f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

1. Literatura. 2. Cecília Meireles. 3. Sensibilidades. I. Título.

CDD 907.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos sete (08) do mês de Dezembro de 2017, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Eunice Carvalho Rocha** sob o título **Entre a bailarina pequenina e o menino azul: a escrita infantil de Cecília Meireles (décadas de 1920 e 1930)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador 1: Prof. Me. Jaaziel de Carvalho Costa

Examinador 2: Prof. Me. Luis Filipe Brandão de Souza

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 08 de Dezembro de 2017

Orientador (a): Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador (a) 1: Jaaziel de Carvalho Costa

Examinador (a) 2: Luis Filipe Brandão de Souza

A minha vó Maria Antônia, que mesmo não estando ao meu lado fisicamente, está em minha memória, em cada lembrança e em cada demonstração de amor feita.

AGRADECIMENTOS

Recordo-me dos primeiros momentos na universidade, tudo tão novo. Não conseguia imaginar como seria o futuro, muito imprevisível. Hoje olho pra traz e percebo que não foi fácil, mais o sentimento de gratidão e de amor que a aprendi a ter nesses quase quatro anos e meio de universidade com certeza me fizeram alguém muito melhor. Gratidão que está dentro de mim todos os dias, por Deus ter me permitido estar num curso que me transformou em um ser humano melhor, em uma profissional que a cada dia se transforma e busca melhorar o seu fazer diário.

Agradeço a minha família que sempre me apoiou, fosse com palavras positivas ou financeiramente. Mãe, pai a pessoa que sou hoje e que procura a cada dia ser alguém melhor é pra os senhores, por que vocês merecem uma filha melhor a cada dia. Vejo o quando batalham por mim, por Alane, por Elda ou pelo Silas (minhas irmãs/ irmão) e não há nada que me faça desistir dos meus sonhos, mas não é por mim, é somente por vocês. Não foi fácil chegar aqui e não poderia imaginar que chegaria aqui sem vó (Maria Antônia), como suas palavras de conforto me fizeram falta, aquele abraço materno me pedido pra ter paciência que tudo ia dar certo, mas mesmo não estando fisicamente, estará sempre em meus pensamentos.

Aos meus amigos de curso agradeço extremamente a paciência, as palavras de apoio, às ajudas nos trabalhos e claro que sem vocês não teria alcançado muito do que tenho hoje. Aos colegas de trabalho pela a compreensão e apoio que muitas vezes expressaram ao perceberem o cansaço que às vezes expressava e de forma extremamente generosa me confortavam.

Meus professores que ao longo da graduação contribuíram para que além de novos conhecimentos, me tornasse um ser humano melhor. Em especial, professor orientador Fábio, desde o primeiro período teve contato em algumas disciplinas. E professor Luis Felipe que no decorrer do curso colaborou para que pudesse delimitar o tema de pesquisa.

E por fim, infinitamente grata a uma das pessoas que sempre se fez presente nos momentos de maior dificuldade dentro e fora da universidade, Izabelly Costa. Grata a Deus por ter permitido que tivesse contato com alguém que antes da excelente profissional que é, sempre esta sensível ao ouvir e a contribuir para que sejamos pessoas melhores em todos os âmbitos.

*Eu vim de infinitos caminhos,
E os meus sonhos choveram lúcido pranto
Pelo chão.
Cecília Meireles*

RESUMO

O trabalho a seguir propõe uma análise voltada para a escrita literária, especialmente para literatura infantil, nos anos de 1930, destacando trabalhos como o da poetisa Cecília Meireles. Procura-se perceber como a sua escrita esta inserida em meio ao cenário político e social, e como a mesma se fez presente nos âmbitos jornalístico e educacional. O trabalho busca pensar Cecília Meireles como mulher de seu tempo, com suas críticas, angustias, sensibilidades. Percebe-se necessária tal pesquisa num campo historiográfico para compreendermos determinado período sob outra ótica voltada para a infância, para a literatura e com as sensibilidades de quem escreveu em meio ao período extremamente marcado por questões políticas, censuras, rupturas. Mas que não permitiu acomodar-se diante de ideias comuns.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Cecília Meireles; sensibilidades.

ABSTRACT

The following work proposes an analysis focused on literary writing, especially for children's literature, in the 1930s, highlighting works such as the poet Cecília Meireles. It seeks to understand how his writing is inserted in the middle of the political and social scene, as it is present in journalistic and educational environments. The work tries to think Cecilia Meireles as a woman of her time, with her criticism, anguish, sensibilities. Such research is necessary in a historiographical field in order to understand a certain period from another point of view aimed at children, literature and the sensibilities of those who wrote during the period marked by political issues, censorship, ruptures. But he did not allow himself to be comfortable with common ideas.

KEYWORDS: Literature; Cecília Meireles; Sensitivities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I-A POETISA E SEU TEMPO: CECÍLIA MEIRELES E A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL DA DÉCADA DE 1930	16
CAPITULO II-A ESCRITA FEMININA E A LITERATURA INFANTIL DE CECÍLIA MEIRELES	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51

MOTIVO

*Eu canto porque o instante existe
e a minha vida esta completa.
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta.*

*Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias.No vento.*

*Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço
___ não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.*

*Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
___mais nada.*

Cecília Meireles

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir propõe uma análise de livros voltados para o público infantil brasileiro, na década de 1930, procurando perceber o período para além das vivências que delimitam uma pretensa “Era Vargas”, tal como é priorizado em ampla parcela da historiografia brasileira acerca da década em questão, uma vez que, para além da vivência política que atravessa o período, existiam também outros tipos de produção e uma época não se resume apenas em um período vivido. Para, além disso, é também marcado pela produção de uma literatura infantil, assim como a produção de músicas infantis que em determinados momentos guardam ou não dimensões com a vida política.

Através do contato diário trabalhando com um público infantil, podemos perceber o quanto a leitura na literatura infantil desperta na criança o desenvolvimento de emoções, imaginação, sentimentos de forma que se torna um hábito e lhe traz prazeres de forma imensamente significativa. Assim, podemos também através da mesma examinamos nossos próprios valores e conhecimentos e para com os outros, é capaz de nos levar há outro mundo e fazer de nós aprendizes e mestres. Na disciplina de história do Brasil República, pude em alguns momentos ter maior contato com tal escrita literária e num momento de maior sensibilidade por se tratar de um período ditatorial. Assim, vejo que dentro da historiografia se faz presente e necessário fazer uso de fontes literárias, pois as mesmas além de marcadas por fatos históricos em algum momento, também expressam sensibilidades, tal escrita se faz presente e necessária em debates históricos e educacionais.

Procuro, assim, compreender o que se tinha de literatura brasileira no período da década de 30, mais especificamente o que denominamos de Estado novo. Localizando as primeiras publicações em livros, o que se tinha de produções em determinado período e como obras de autores, como Cecília Meireles ganhou espaço utilizando-se de crônicas em jornais da época e contos como a mesma utilizou-se desses escritos e trouxe através da literatura discursões acerca do período.

Cecília Meireles destacou-se em determinado momento e ainda se faz presente, pois além de sua escrita há a consciência de uma reflexão existencial com simplicidade, além de conter o imaginário poético, suas obras estabelecem relações íntimas com a visão política e educacional de uma época. Diante disso, entende – se que a literatura infantil deve ser investigada numa abordagem crítica da realidade, pois comporta os valores, ensinamentos, condições e ideias que se desejam formar junto a criança.

Acredita-se que tal pesquisa se faz necessária, pois procura desconstruir tal imagem de que o período ditatorial é um fim em si, pois toda uma época não se resume a formas de ditadura, mais também a novas produções literárias que ainda hoje se fazem presentes em livros, escolas, na vida e em muitos momentos somos influenciados pelos mesmos, pois através da leitura de determinados livros lidamos e refletimos não apenas com novos conhecimentos, mas com sensibilidades que talvez só pudessem ser expressos no momento vivido através da escrita.

Percebe-se que dentro do campo historiográfico é de extrema importância lidar com novas abordagens, no que se refere a temas ligados a literatura mais especificamente, pois é a partir de determinado período que escritores literários usavam de seus trabalhos para dar visibilidade e tecer críticas a respeito do momento do qual estavam vivendo, muitas vezes encontraram no público infantil novas dimensões das quais se passou a refletir sobre as relações entre história e literatura, suas aproximações e como os textos portadores de literalidade oferecem possibilidades e reflexões ao docente e ao historiador.

No final do século XIX, o regime político no Brasil começa a ser mudada, antes monarquia passa a andar para o Republicano, por assim parecer ser mais democrático. É nesse período, como aponta Glaucia Machado de Aguiar Paço (1999), diante desse processo de transformação que se dá o aparecimento dos primeiros livros para crianças escritos e publicados por brasileiros, sendo o precursor Monteiro Lobato. Pensar essas questões diante de um Brasil Republicano requer ver e escrever sobre o mesmo com sensibilidade, precisamente o que denominamos de Estado Novo, pois o mesmo propôs organizar o sistema educacional, onde a educação infantil e juvenil passou a receber uma atenção extremamente cuidadosa.

Como nos aponta Vavy Pacheco Borges, no texto *Anos trinta e política: História e Historiografia*, em outubro de 1930, “iniciou-se um largo período – podemos dizer, um quarto de século - em que Getúlio Vargas foi a figura predominante no cenário político nacional” (BORGES, 2007, p. 159). Dentro deste cenário o mesmo elaborou novos planos para a educação, dentre os quais estavam propostas claramente conservadora e diretiva. Exaltando como a autora relata uma história política, onde eram vistas a partir das grandes figuras políticas, tendo a formação e desenvolvimento de atitudes cívicas e morais desejadas.

Podemos perceber no que tange a educação neste contexto que desde cedo as crianças já recebiam instruções nas escolas de como seguir uma formação cívica, aprendiam desde cedo à importância do princípio e da ordem. Diante de um modo de agir utilitário, através de

uma compreensão e reflexões e a partir das leituras, é perceptível a tentativa de usar a literatura na escola como material sugestivo para a formação de valores, despertando atitudes cívicas e avançando a modelos de comportamento. Com a elaboração de novos planos pedagógicos e dentro de uma proposta nitidamente conservadora, onde a concepção de ensino se dava como simples repasse de informações, para o desenvolvimento e manutenção cívicos e morais desejadas.

Reconhecendo a leitura como um dos instrumentos de maior importância para se educar a literatura infantil e o hábito da leitura na criança tem como caminho que a leva a desenvolver sua imaginação, suas emoções, e seus sentimentos de forma que se torne um hábito do qual lhe proporcione prazer de forma significativa. Surge assim inúmeras discursões entre a história e a literatura e em torno do que se estava sendo produzido. Podemos entender que a leitura é também a criação de uma cultura capaz de formar mentes, com a capacidade de reconhecer e legitimar o outro com comprometimento sistemático e multidimensional orientando o sujeito/a enquanto indivíduo crítico, responsável e que atua de modo consciente em sociedade. Assim, Cecília nos trás em uma reportagem do período, a imaginação deslumbrada da criança:

Em toda criança preservada ainda dessa opressão dos preconceitos que sobre ellas costuma exercer a deformadora tyrannia dos adultos, em toda criança que vem evoluindo livremente de dentro de si mesma com essa misteriosa orientação que faz as plantas romperem as sementes para, atravessando o duro sólo, realizarem em pleno sol a intenção do seu destino, mora uma deslumbranda, enfrentando a vida como um grande espetáculo magico, e elaborando, diante de cada coisa que contempla, o sonho silencioso das suas próprias interpretações. Nesse primeiro convívio com o mundo, tudo se faz maravilhoso: como os sentidos apenas ensaiam as suas aptidões, as formas, as cores, os sons representam, a cada instante, um milagre novo. Os acenários exaggeram-se, refletidos nos olhos inexperientes do pequenino espectador: porque esses olhos se elevam com a subtileza de cada minuncia e, sobre o mais breve acidente de qualquer apparencia, podem construir infinitas miragens, que absorvem como um outro leite ineffavel, para nutrição de sua vida profunda. (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930).

A leitura é essencialmente importante para examinarmos os nossos próprios valores e conhecimentos para com os outros, podemos nos surpreender a cada leitura formando e informando seus leitores, é capaz de nos levar a outro mundo e fazer de nós indivíduos aprendizes e mestres. Cecília expressa a imaginação da criança e continua:

Caminhando por entre essas visões assombrosas, circumscripitas por limites tão infinitos como o céu, as montanhas, o mar; vae a criança colhendo cada imagem que a seduz para a transfigurar e guardar nas paisagens encantadas

da sua memória. E lá ficam morando, também, palavras que ainda não compreende, mas que algum dia ouviu, que ficaram vivendo, independentes de significação, entre as relíquias conservadoras, junto á lembrança do aroma das flores, do zumbido dos insectos, da sombra condensada no côncavo das corollas, do gosto de um fruto em seus lábios desfeito... No mais íntimo da sua vida se calcula, estão se acumulando todos os aspectos imprevistos e variáveis que atingem a sua sensibilidade, justa pondo-se como as figuras de um baralho transparente, indeléveis apenas aqui e ali, nos pontos de suggestões mais singulares. Assim é o habitante da infância. Criatura meio fluctuante no sonho em que decompõe suas experiências. Personagem vindo de regiões esquecidas, viajando na sua curiosidade para se acclimatar á terra. Ninguém sabe quem elle é. Nem elle mesmo. Porque o nome por que o chamam pertence-lhe apenas tanto como um enfeite. E sobre essa vida que se concentra em si mesma, preparando-se para desabrochar, e subitamente um dia a brusca autoridade dos homens já desencantados. Abrem a força os tantos olhos adormecidos em que acompanhavam sorrindo o curso das visões, põem, duras como pedras, as palavras concretas; reduzem as dimensões de todos as imagens queridas; arrancam a todas ellas o perfume encantado que as immortalizava... (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930).

Com ênfase nos trabalhos de Cecília Meireles é possível analisarmos e compreendermos não apenas o mundo imaginário da criança, mais muito além o contexto histórico, social e político vivenciado ao decorrer da década de 30. Considerando – se a pesquisa como um conjunto de atividades que objetiva a descoberta de novos conhecimentos, utilizarei como fontes as obras de Cecília Meireles tais como *Giroflé*, *Giroflá*, *Olhinhos de Gato* e *Ou Isto ou Aquilo*, bem como as crônicas e demais matérias que a mesma escreveu ao jornal *O diário de notícias* e o jornal *A manhã*.

Compreendendo as obras e as demais ações de Cecília Meireles, no período histórico como práticas dirigidas para fins sociais, deu – se um diálogo de admiração diante de tal investigação. Admiração por estar diante de uma artista distinta, rica em imprevisibilidades poéticas e que diante de obras literárias voltadas para o público infantil, chamou a atenção por falar em liberdade e sensibilidades num período de lutas e intencionalidades sociais associadas a valores dominantes e ainda a atuação de Cecília enquanto mulher de seu tempo.

Assim, a partir da análise da delimitação e da pesquisa obtida através das leituras, abordaremos a vida e obra (s) de Cecília Meireles, as concepções em história, literatura infantil e os valores que se estavam presentes, o contexto político de determinado período. Num primeiro momento pensaremos em Cecília como educadora e mulher, sensível ao seu tempo e sua atuação na imprensa como professora, jornalista. Pensando sua época e atuação da mesma. Num segundo momento pensaremos sua dimensão intimista, suas sensibilidades,

solidão. E por fim, num terceiro momento Cecília enquanto escritora infantil. Assim, examinaremos as categorias delimitadas e do material de pesquisa.

Com esse intuito o estudo buscará desenvolver uma pesquisa onde, através das leituras se estabeleça uma análise do que se deu dentro do período delimitado, contando com uma análise literária, na qual autores/as que discutem a temática contribuam para de forma pertinente com o desvelar da pesquisa, pois fornecem uma base de conhecimento que revelam a importância e as possibilidades de se trabalhar determinada temática.

Num primeiro momento pensaremos quais as condições históricas de escrita em que Cecília Meireles se encontrava inserida, observando-a, nesse sentido, como mulher de seu tempo. Como a mesma atuava na imprensa e na sociedade, além de poetisa, professora, jornalista. Pensaremos em Cecília inserida em uma época e questões sociais Cecília participa. Num segundo momento, pensaremos a dimensão intimista da obra de Cecília Meireles, observando em sua escrita poética uma mulher que sofre, que ama, que fala em solidão, que expressa suas sensibilidades, bem como buscaremos analisar Cecília Meireles enquanto escritora de literatura infantil, tendo como principal material suas produções literárias em livros e jornais.

Capítulo I

A POETISA E SEU TEMPO: Cecília Meireles e a questão da educação no Brasil da década de 1930.

*Eu vim de infinitos caminhos,
E os meus sonhos choveram lícido pranto
Pelo chão.*

Cecília Meireles

*Não te aflijas com a pétala que voa:
Também é ser deixar de ser assim.*

*Rosas verás, só de cinza franzida,
Mortas intactas pelo meu jardim.*

*Eu deixo aroma até nos meus espinhos,
Ao longe, o vento vai falando em mim.*

*E por perder-me é que me vão lembrando,
Por desfolhar-me é que não tenho fim.*

Cecília Meireles

Cecília Benevides de Carvalho Meireles problematizou o que a mesma estava vivendo e escreveu em jornais suas crônicas durante os anos no qual trabalhou nos jornais *O diário de notícias* e no jornal *A manhã*. Interveio em uma sociedade, cuja preponderância era ainda predominantemente masculina, nas páginas dos jornais onde ganhou espaço Cecília dirigiu um espaço de publicação destinado a assuntos da educação, onde havia um espaço para seus “comentários” como era chamado.

Cecília nasceu em 07 de novembro de 1901, tendo seu pai faleceu antes do seu nascimento. Seus irmãos mais velhos não tiveram vida longa, e, aos três anos de idade, perdeu sua mãe, tendo sido, então, criada por sua vó materna. Algum tempo depois, seu marido, o artista plástico Fernando Correia Dias comete suicídio, por sofrer de problemas de depressão. Cecília então cuidou sozinha de suas três filhas. Patricia Vianna Lacerda de Almeida aponta que:

Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a morte que docemente aprendi essas relações entre o efêmero e o eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes cheia de violência. [...] A noção ou sentimento da transitoriedade

de tudo é fundamento mesmo da minha personalidade. Creio que isso explica tudo quanto tenho feito, em literatura, jornalismo, educação e mesmo folclore." (MEIRELES, 1993, p.80)

Ana Paula Leite Vieira também nos traz novas reflexões no que se refere ao determinado período, com um embasamento no trabalho da escritora, educadora e folclorista Cecília Meireles, e esta sendo diretora também da primeira biblioteca infantil do país assim como, uma das maiores participantes do manifesto da Escola Nova no Brasil a escritora propõe uma nova visão a cerca da educação no País, como aponta a autora:

[...] a República precisava pensar na incorporação do povo na história do país, e o folclore irá emergir como uma das estratégias mais eficientes e duradouras de fazer esta inclusão, já que buscava investigar e valorizar práticas culturais populares. (VIEIRA, 2013, p. 03).

Cecília Meireles defendia que deveria ser refeita um novo modelo de educação, a partir do modelo proposto pela Escola Nova, com modificações importantes na metodologia de ensino no Brasil. No qual o folclore como meio mais importante para essa reconstrução, valorizaria as tradições populares, pois julgava ser uma herança de maior importância e necessária nas relações humanas. Para a mesma uma nova reunião de elementos no ensino se fazia necessário, bem como manter a pureza que se fazia presente nas crianças, visto que a criança era privada dos recursos e da prudência do adulto, e se destacava pela sensibilidade, emoção e pela imaginação. Tal perspectiva é possível de ser observada no fragmento escrito por ela no jornal *O Diário de Notícias*, em 1930:

Seguem as crianças, então, pelo rumo da vida, como expulsas do paraíso: sem uma causa que explique a violência que sofrem, e sem nada que substitua a delícia inocente que perdem. Diz –se que é a vida que o exige. Mas então a vida não era aquilo também? Não era aquilo principalmente? O coração, sem esquecimento, reage dia a dia contra a irremediável desventura dessa evasão. E daí deriva essa nefasta herança de amargura que vão unindo todas as existências humanas por um fio comum de nostalgia. Impossível fazer florir depois felicidade nos campos em que a infância foi devastada. A adolescência aparecer com os olhos tristes, como povoados de sonhos incompletos. Dentro do misero tempo que se recebe para viver, doce, surdamente, a saudade do bem perdido, que se vai convertendo em esperança para depois da morte. Por que se arranca ao seu elemento propício a alma deslumbrada da infância? Por que se oprime a vida desde que aflora a tona do mundo? por que se semeia assim largamente o desgosto de existir, e se converte num castigo esta passagem ephemera pela terra? (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930).

Ana Paula Leite Vieira ressalta o trabalho que a mesma desempenhou utilizando-se de crônicas no jornal *O Diário de Notícias* do Rio de Janeiro (1930-1933), bem como no jornal governista *A Manhã* (1941-1943), numa coluna intitulada *Professores e Estudantes*, onde observa que a mesma teve seu trabalho bastante reconhecido. Posto em prática projetos de constituição da criança, através da literatura infantil ou na inserção do folclore nas instituições escolares, os livros *Problemas da Literatura Infantil* (1951); *Giroflé, Giroflá* (1956) e *Ou Isto ou aquilo* (1964), obtiveram grande destaque no período, incluindo o folclore nos enredos. Seu primeiro livro foi *Criança meu amor* (1924), onde demonstra grande preocupação com a sensibilidade da criança através da poesia.

Nesse primeiro momento analisaremos as publicações de Cecília em jornais, na imprensa, pensando qual é essa época e como suas publicações inseriram-se nesse momento. Diante disso, analisaremos recortes de jornais, onde Cecília dirigiu um espaço de publicação diária destinados principalmente a assuntos educacionais. Pensaremos quem era Cecília Meireles inserida em sua época, a relevância de suas publicações no decorrer de sua época.

Cecília Meireles começa a escrever em 12 de junho de 1930 em *A Página de Educação* do jornal *O Diário de Notícias*, onde a mesma demonstrava enorme interesse por questões voltadas para a educação popular, para questões pedagógicas, além de trazer notícias ao público sobre o ensino, em alguns momentos acompanhados por seus comentários e em outros momentos não. Exemplo disso pode ser observado no texto de apresentação da coluna, onde aponta:

Tudo que se relacionar com educação e ensino – desde a escola primária até a universidade – será nestas colunas objeto de uma constante preocupação. Comentando imparcialmente ato das autoridades, discutindo as novas ideias ou julgando os resultados de intensa experimentação que está se realizando em muitas escolas desta capital e de alguns estados, procurando proporcionar ao professorado argumentos para acompanhar de perto a renovação pedagógica do momento, e aos entendidos no assunto a oportunidade para um juízo seguro a respeito de todas as novas iniciativas. (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930, p.5).

Em *A Página de Educação*, Cecília escreveria a coluna *Comentário*, da qual trouxe debates voltados para a educação, reportagens ilustradas, questões voltadas para a infância. Para a mesma aquele era um momento de mudança, onde a escola tradicional estava sendo substituída por novas praticas de ensino. Desinteresse e falta de liberdade não poderiam fazer parte desse novo modelo de ensino do qual estava sendo desenvolvidos, para Cecília os homens devem sentir a liberdade e esses novos princípios romperiam o tradicionalismo e

introduziria uma nova atitude para com a prática educacional. Especialmente na criança provocaria liberdade e espontaneidade. Fazendo uso das palavras de Anísio Teixeira, onde o pensador sobre educação aponta que :

Não é somente o desejo de dar liberdade á criança que dirige os educadores, é sobretudo a impossibilidade de a negar, se querem construir obra de educação respeitável e sincera. Dessa premissa da criança autônoma e livre é que temos de partir para a aventura da reconstrução educacional (TEIXEIRA, 1934, p. 53).

Porém, dá-se novas eclosões no campo político, movimentos militares depõem o presidente Washington Luis e Getúlio Vargas assume a presidência, daí surgem novas inquietações em seus escritos, especialmente em seus comentários. Em alguns momentos Cecília expôs no jornal outros temas e não apenas a questões educacionais, as modificações feitas pelo presidente Getúlio Vargas trouxe reflexões para Cecília, pois a partir de então criou-se um ministério com a finalidade de tratar de assuntos educacionais, houve certo desagrado diante disso, especialmente por quem defendia um novo modelo de educação baseado na escola nova.

Durante parte do século XX alguns historiadores desqualificaram a literatura como fonte histórica, pois o historiador deveria valer-se de fontes objetivas, neutras. Assim, os jornais pareciam pouco adequados para “recuperar” o passado. Assim como era pequeno o numero de pesquisadores que se valia de jornais e revistas como fonte de estudo. É somente a partir dos anos de 1970 que a literatura se propagou como prática. A partir de então passou-se a refletir sobre as relações entre história e literatura, suas aproximações e como os textos portadores de literalidade oferecem possibilidades e reflexões ao historiador. Tania Regina de Luca (2008) discute o uso e o quão rico está sendo o uso das fontes periódicas e suas múltiplas possibilidades de abordagem em *Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos* onde segundo a mesma as fontes impressas ganham maiores deslocamentos:

A terceira geração dos *Annales* realizou deslocamentos que, sem negar a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos de natureza econômica e demográfica levados a efeito a partir de fontes passíveis de tratamento estatístico, propunha “novos objetos, problemas e abordagens”. (LUCA, 2008, p. 112)

Diante desse campo de mudanças, novas abordagens trariam as fontes de imprensa também como informações históricas e como a mesma cita, segundo o historiador José Honório Rodrigues embora o jornal se registrasse como uma das “principais fontes de

informação histórica” ressaltava-se que “nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial” (LUCA, 2008, p.115-116). Assim, o uso de jornais já não era mais questionado como algo prático, mas também crítico do qual poderia trazer informações ao historiador. Nos anos de 1970 a imprensa sofre deslocamentos e o próprio jornal torna-se objeto de estudo, além da interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento.

As fontes periódicas ganham riqueza através das inúmeras possibilidades que as mesmas oferecem, sejam pelos jornais, revistas. São abordagens diferentes, mais que discute produção e um conjunto de discursões alocados em determinado período e que não se pode deixar de evidenciar a censura que também se fez presente em meio a essas transformações no campo historiográfico:

Não há como deixar de lado o espectro da censura. Em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento, o papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem política. (BORGES, 2007, p. 129).

É também na década de 30 que intelectuais, como Cecília Meireles considerada uma das mais importantes poetisas brasileiras, ganha destaque em jornais como *O Diário de Notícias* e no jornal *A manhã*, com crônicas de educação, que refletiam o processo do qual o país estava atravessando tanto no âmbito educacional, quanto político. É de extrema importância perceber diante do estudo histórico as ideias e o engajar político educacional de Cecília Meireles. Trabalhos voltados para a infância como os de Cecília é tema frequente em pesquisas historiográficas atuais.

Assim, não apenas Cecília, mais escritores como Gilberto Freyre engajam novas discursões, com obras como *Casa-grande e senzala* da qual discute o brasileiro, como se deu a mistura do povo entre a casa-grande e a senzala: “nas linhas de Freyre, era esse alguém que nascia no espaço intermediário entre a casa-grande e a senzala, entre o branco e o preto, cuja cor, língua, gestos e sexo tinham dentro de si a marca da mistura e da alegria”. (BRITO, 2016, P.35). Freyre com toda sua atividade de escrita busca harmonizar a identidade brasileira em seus poemas ou mensagens.

Em 1920, com Gilberto Freyre publica *Talvez poesia*, do qual traria questões envolvendo um novo brasileiro para o qual sua imaginação e seus olhos estavam voltados, o

brasileiro que em meio a transformações sociais ou políticas, estava ali capaz de sonhar e fazer um futuro melhor. Os poetas e escritores como Manuel Bandeira, Sergio Buarque de Holanda aprofundam ainda suas leituras e discute uma nova nacionalidade, como tornar realidade as possibilidades da qual se propunham em seus escritos, ou inda diante da semana de arte moderna de 1922, escritores como Paulo Prado publica *Retratos do Brasil*, onde percebemos que além de questões como *raça e civilização*, há ainda questões voltadas para a brasilidade através de produções artísticas e científicas.

No interior de um campo intelectual onde encontrava-se inserida, é perceptível que Cecília Meireles despontava como uma das poucas mulheres presentes em um cenário eminentemente masculino. Partindo desse lugar, ainda raro para mulheres, Cecília problematizou o que a mesma estava vivendo e escrevendo em suas crônicas durante os anos no qual trabalhou nos jornais *O Diário de Notícias* e no *A Manhã*. Intervindo em uma sociedade cuja preponderância era ainda predominantemente masculina, nas páginas dos jornais onde ganhou espaço Cecília dirigiu parte das análises de sua publicação destinado a assuntos da educação, onde havia um espaço para seus “commentários” como era chamado. Nos trechos destacados acima podemos perceber o quão frequente é a escrita de Cecília no jornal *O Diário de Notícias*, ao lado nos seus “commentarios” Cecília expressa seu engajar em questões voltadas ao público infantil e a questões voltadas a educação.

Através dos jornais Cecília interveio em questões sociais da época e obteve na imprensa lugar estratégico para defender seus objetivos, especialmente no que se refere a reestruturação da educação e do ensino brasileiro. Com ajuda da imprensa que no momento participava de modo social e político, creu no poder regenerador que acreditava obter através da educação num novo modelo de projetos e de formação. Além de estar num momento de transição, em defesa do modernismo e da propaganda estimulada por Vargas, a imprensa desempenha papel fundamental no que se refere a política e a questões sociais, a educação passa a ser refletida como um problema social a ser resolvido, a seguir uma matéria escrita ao jornal *O Diário de Notícias*, do qual Cecilia trás questões voltadas para educação, como estava sendo proposta para a sociedade:

O sr. Claudione Ribeiro, inspetor escolar no Estado do Espirito Santo, acaba de publicar a “nova orientação da Geographia Moderna na Escola Activa Brasileira”, opúsculo que teve a gentileza de nos enviar, o que muito agradecemos. Trata-se de uma these apresentada pelo referido professor ao Curso Superior de cultura pedagógica, do seu Estado. Depois de estudar, em breves capítulos, a “Escola Activa e a Escola Antiga”, A geografia Antiga, “o Ensino geographico actual”, A geographia e as outras disciplinas” e a “cartographia”, o autor apresenta as seguintes conclusões, que resumem todo

o trabalho: 1º_Toda reforma de instrução deve ser alicerçada com bases científicas, por que, conhecendo a criança morfológica, antropológica, psicológica e psicologicamente, terá o mestre muita probabilidade de conduzir, com bom êxito, a educação da infância. 2º Todo o ensino da geografia moderna deve ser prático, objetivo e atrativo, evitando o cansaço e o tédio dos educandos. 3º_A maior parte do ensino geográfico deve passar-se em plena natureza, iniciando o educando nos exercícios de observação direta. 4º tão de muita vantagem as aulas – excursões aos campos, as fábricas industriais, as oficinas onde os alunos aprendem a classificar os terrenos e os progressos da cultura humana. Essas aulas terão planos previamente delineados. 5º_o ensino geográfico deve procurar adaptar o educando às relações do seu meio e do seu tempo. 6º_o ensino geográfico hodierno deve acompanhar o progresso que atravessa a humanidade atualmente. Para isso, a escola deverá estar aparelhada dos meios eficientes do belo e profícuo ensino da geografia, que são: gravuras postais, dispositivos, lanternas de projeção, cinematógrafo, gráficos, epidiascópio, mapas murais, monografias variadas e compêndios, contendo importantes e instructivas narrações de viagens. 7º_ deverá existir um cinematógrafo em cada um dos estabelecimentos de ensino, com permutas de fitas, por meio de instruções regulamentares. 8º__toda aula deve constar de três partes: uma parte activa, outra de lição e outra de aplicação. 9º_o traçado da cartografia moderna não deve ter essa preocupação de beleza exigida pela escola antiga. O professor deverá esforçar-se para que o aluno localize bem as situações, para que, mais tarde, possa orientar-se bem na leitura de mapas de viagens, de municípios, etc. como se vê, trata-se de um trabalho orientado pelos métodos novos de ensino, e que demonstra o interesse que essas questões vem despertando no vizinho Estado, o que é uma esperança de perfeita radicação para a reforma aqui implantada. (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930).

Cecília Meireles defendia que deveria ser refeita um novo modelo de educação, a partir do modelo proposto pela Escola Nova, com modificações importantes na metodologia de ensino no Brasil. Tratava-se de um modelo de pensamento sobre educação que, partindo de uma inspiração europeia, especialmente suíça, é implantado no Brasil com o advento da República, ganhando forte notoriedade com a atuação de um conjunto de pensadores sobre a educação, dentre os quais Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto e a própria Cecília através de seu *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, publicado em 1932, nos quais reivindicavam um maior acesso das diferentes classes sociais à educação, bem como à implantação da escola integral. No qual o folclore como meio mais importante para essa reconstrução, valorizaria as tradições populares, pois julgava ser uma herança de maior importância e necessária nas relações humanas. Para a mesma uma nova reunião de elementos no ensino se fazia necessário, bem como manter a pureza que se fazia presente nas crianças, visto que a criança era privada dos recursos e da prudência do adulto, e se destacava pela sensibilidade, emoção e pela imaginação.

A autora relata que a partir de 1928 há novas reformas educacionais, iniciando-se no Distrito Federal com Fernando Azevedo onde foi considerada uma das reformas mais essenciais da época, pois não se tinham visto desde a época do Império uma quebra de pensamento dominante que reinava. Em 1930, Cecília assume a direção do Jornal *O Diário de notícias* onde vai debater questões relacionadas a educação, debate que segundo a autora se fazia cada vez mais presente, ainda vai defender um modelo de educação baseado na Escola Nova, divulgando cada vez mais na imprensa, além de Cecília se fazer presente em inúmeros outros projetos voltados para a educação.

Percebemos que a educação era tema de extrema importância para Cecília, pois a mesma ao falar na questão educacional incomoda, especialmente quando está nas colunas dos jornais e é afastada por seu tom político, de justiça. Ela usa a imprensa para também levar um novo ideal de educação a partir do que propunha a escola nova. Usa a coluna do jornal do qual trabalhava, não apenas para levar informações cotidianas, mas para entrar em um campo de debates defendendo e emitindo ideais da Escola Nova. Cecília acredita que o progresso ao qual o período tanto almejava era possível através da educação e do trabalho. Cecília estava preocupada sempre com esse engajar educacional que se fazia presente, valorizando e preservando costumes e valores brasileiros, a mesma discute frequentemente no decorrer do texto questões ligadas a identidade, o papel que a educação exerce, enquanto modificador da sociedade.

O Estado Novo considerava inúmeros pontos que Cecília Meireles não considerava como a censura aos meios de imprensa e comunicação da época, porém a autora relata que houve valorização no campo educacional, principalmente na área que Cecília trabalhava, pois houve discussão dos temas ligados a educação no folclore e na literatura infantil. Divulgando e debatendo questões ligadas a esta área, nota-se que projetos exigiam mudanças no campo da leitura, tanto infantil quanto adulto, sendo que o mercado ainda era controlado por livros estrangeiros. Ao chegarem ao Brasil esses livros sofrem adaptações, das quais foram ligadas diretamente ao folclore.

A partir do século XIX, escritores como Manuel Bandeira, Olavo Bilac, Érico Veríssimo são considerados os pioneiros na literatura voltada para crianças e principalmente Monteiro Lobato, considerado o pai fundador neste campo da literatura infantil. Cecília não está entre as primeiras, porém há grande destaque em seu trabalho escrito para crianças e diante de seu engajar político e educacional na República, assim como incentivou a leitura e a promoção do acesso aos livros em bibliotecas. A biblioteca infantil como um sonho que se

realizara para a educadora, pois estava criando novas possibilidades de mundo para as crianças e como a mesma descreveu: “Mas a vida, a vida, a vida, A vida só é possível reinventada” (MEIRELES, 2001, p. 411).

Percebe-se que questões voltadas há educação, mesmo anos após o regime republicano, não há ainda um sistema de ensino que atenda as necessidades da qual vivenciamos, reformas decorrentes apenas nos fazem perceber que há descaso frequentes em questões sejam econômicas e sociais. Para o educador há a necessidade de pensar sobre seus fins e meios para realiza-los, perceber seu conhecimento humano e social para perceber além do efêmero, assim, perceber a escola, sua função e posicionamento diante da pluralidade da qual está inserida.

Sob novos ideais de educação se dá no Brasil um movimento de reconstrução educacional, reagindo contra as experiências existentes, onde não deveria estar apenas nos quadros de segregação em que os encerrou a república, a escola não poderia estar isolada num ambiente, sem fluir. Debates em torno da educação ganhavam espaço e tornava-se cada vez mais presente um conjunto de ideias abstratas das quais o foco peculiar técnico perderia espaço.

Períodos marcados por questões políticas e socioeconômicas, onde a educação está diretamente ligada a cada época, a educação nova compõe uma reação a velha estrutura educacional artificial até então executada. Perde seu sentido voltado para determinadas classes e passa a se organizar para a coletividade em geral independente de razões econômicas e sociais, a educação nova está voltada sob novos aspectos para além dos limites das classes, onde objetiva organizar e desenvolver meios de ação priorizando cada fase do ser humano no mundo. Para Cecília era preciso estabelecer novos princípios capazes de romper com construções tradicionais e introduzir uma nova versão pedagógica.

Princípios estes que não se restringiam apenas no campo educacional, Meireles a exemplo de outras mulheres que vivenciaram o período, sonharam e escreveram novos aspectos diante da atuação feminina. Segue-se também uma abordagem das relações de gênero e escrita literária feminina, partindo dos conflitos que caracterizam o período, crônicas, poesias, jornais, artigos de determinado período permite compreendermos comportamento e atuação feminina em sociedade, o período em questão nos possibilita acompanhar as extensões resultantes das requisições femininas em termos de uma participação mais atuante em sociedade.

Meireles foi signatária do manifesto dos pioneiros da educação nova, documento de 1932, redigido por Fernando de Azevedo do qual articula o movimento educacional renovador conhecido como escola nova. A poetisa expressava sua opinião e posicionamentos no que se referia a escola nova, onde a mesma publicou entre 1930 e 1933 na coluna “comentário” no jornal *O diário de Notícias*, no Rio de Janeiro. A mesma participou do manifesto onde expressou as principais ideias do movimento de renovação educacional, escola nova. Defendia a educação entre família e escola e sobretudo um conhecimento sobre o indivíduo, a autora partia de pensamentos que caminhavam juntos ao que propunha o modelo de escola nova do qual a escola poderia elevar não apenas a criança, mas todo o ambiente social que o cerca, em proporções diferentes.

A instituição de ensino para a mesma constituía o que poderia haver de maior multiplicidade de mudanças havidas no decorrer do tempo para educação e civilização humana. Para a mesma considerava – se uma das maiores reformas educativas ocorridas no País até então, pois como expressa Maria Luiza Penna “ porque produziu uma ruptura no pensamento pedagógico dominante desde o Império, repercutindo sobre diversos estados da união”, assim no bojo desta reforma nasce oportunidades para o cargo de professor necessários á nova educação.

Considerava que religião e educação eram pontos distintos, avessa ao ensino religioso nas escolas também discordava que pudesse haver dois modelos de escola sendo um para ricos e outro para pobres, defendia a escola única, Meireles (2001, v.3, p.224) expôs que a instituição de ensino deveria ser um ambiente de vida "oferecido à formação humana": "Não podemos querer escolas diversas, uma vez que reconhecemos lamentáveis as divisões injustas da sociedade numa base de recursos materiais". Para a mesma está na criança a transformação do futuro, o que também era proposto pela a escola nova, pois educando as crianças também estaria educando o povo.

Meireles abre uma trincheira em sua página de jornal, onde conversava com os educadores Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Frota Pessoa, entre outros. Para a mesma aquele era o momento de renovação, a educação deveria ganhar um novo impulso, processo que mudaria a então educação clássica para a moderna. Os desejos da escola moderna eram outros, diferentes daquela tradicional, pois procurava dar impulso a espontaneidade e libertar a criança para uma nova percepção de educar com novas formas, cores. Cecília traz uma página de psicologia, a infância de Pierre Nozière:

Com clareza de ver e essa finura de revelar, ninguém melhor que Anatole para trazer a superfície o mundo encantado da infância. E esta página que aqui reproduzimos mostra como a tomou nas suas mãos inteligentes sem a oprimir, sem a deformar, com esse tato de quem toma toda o perfume de uma flor sem lhe mudar a cor de uma pétala com a sua violência, sem alterar uma curva do seu contorno com a sua precipitação. Como soube fazer na sua memória um asilo claro e puro para o passado sem fim (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930).

Para tornar a escola atraente é preciso que se considere não somente a relação pedagógica entre professor e aluno, mais transformar também o ambiente físico da escola. Não se deve privilegiar somente a escrita certa, mais a liberdade da criança ou ainda tudo que fosse nocivo sobre as crianças e professores deveria ser retirado das escolas, assim se tornaria atraente.

Cecília pontua que há muitas razões que não permitiam a reorganização da escola no Brasil:

Porque acima da sua vontade estão acumuladas muitas rotinas de outras vontades. Porque, algumas vezes, a manifestação de um natural bom gosto, de uma cultura mais apurada serve de base a ridículas insinuações, e a críticas mordazes. Porque ainda não temos, infelizmente, uma totalidade de professores capaz de agir simultânea e solidariamente nesta obra de reorganização pedagógica que representa, para o Brasil inteiro, uma etapa de progresso que todos os esforços devem denodadamente acentuar (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1930).

O que a mesma abordava em seus temas na Página de Educação encadeiam todo um campo de ideias, valores e opiniões que expressam a vinculação ao grupo dos pioneiros da educação nova, acredita-se que a Página de Educação se expressava num intuito de moldar membros favoráveis junto aos professores o modelo que se propunha junto a Escola Nova para uma nova concepção em educação.

Novas inquietudes aparecem na Página de Educação onde Meireles se refere ao cenário político do qual vivenciava, segundo Valéria Lamego “o clima da redação do Diário de Notícias tinha a mesma aura política que suscitou sua fundação” (LAMEGO, 1998, p. 15), no jornal também se dava profundos debates sobre o panorama político do qual vivenciam, temas que em muitos momentos se tornaram recorrentes em suas publicações. O intento de criar um ministério do qual trataria os assuntos da educação nacional toma concretude com Vargas, onde nomeou Francisco Campos ministro titular da educação, sobre isso, Cecília escreveu “depois da

Revolução, ficou absolutamente insolúvel o problema educacional no Brasil” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1931).

Com o nome de Francisco Campos para a educação muitos dos educadores acreditavam que tal ato poderia interferir de maneira negativa, pois precisavam de apoio para seguir o novo modelo educacional pautado nos princípios da Escola Nova. A junção com ministério da educação e saúde era considerada por Cecília um erro, pois a mesma acreditava que incentivaria uma disputa entre médicos e educadores e os problemas acatados pela a medicina eram considerados de maior crença ou necessidade que os pedagógicos, além de tirar o foco do problema maior que era a educação:

[...] se a Revolução criou este ministério é porque reconhecia a sua utilidade. Se lhe reconhecia essa utilidade é porque sabia da existência do problema educacional, no mundo e no Brasil. Se sabia dessa existência, estava a par dos elementos que possuía para resolver. No entanto, começou escolhendo o sr. Francisco Campos, que, apesar de ter feito uma reforma, permitiu nela tantas provas de incompreensão da atualidade, ou de horror á responsabilidade de a compreender, que isso só bastaria para a contraindicação do seu nome.

E agora? Quem é que se vai pôr no ministério vazio? Qual o pedagogo apressado que vai por aí reclamando pagamento de serviço? Quem é que se atreverá a tecer a sua própria desmoralização, depois do formidável exemplo com que este ministério foi inaugurado? Não são perguntas ao acaso. Não. São perguntas que ficarão esperando resposta, porque elas não representam a aspiração de alguns apenas, mas o destino de todo o país, e envolvem, além disso, a confiança ou a decepção do mundo inteiro (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1931).

Cecília aponta os erros que ocorreram frente a atuação de Francisco Campos no que se refere a educação e atos inadequados, colocando educação em segundo plano. Sobre as reformas decretadas pelo Ministro que institui o ensino religioso em escolas públicas, ia contra o principio de laicidade do ensino, do qual os educadores da escola nova vinham defendendo. Para o ministro a relação entre o estado e a religião vinha para atender as pessoas que acreditavam naquele credo religioso. Cecília aponta que “*esse ensino religioso nas escolas, que um ministro irresponsável decretou, e um presidente desatento (ou hábil...) sancionou, é um crime contra a Nação e contra o mundo, contra os brasileiros e contra a humanidade*”. (“as crianças e a religião”, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro. página de educação. 1931).

Logo após, houve impulso a promover a Reforma de ensino Fernando de Azevedo, onde apresentou a concepção da Nova Educação. Seguiu-se também com Frota Pessoa, onde analisou

a situação do ensino brasileiro e também colaborou para o ensino primário. Cecília escreveu sobre Fernando de Azevedo e a situação que se estava vivenciando com o ensino:

O artigo do sr. Fernando de Azevedo, expondo, agora, nesta crise que atravessa a Instrução Pública entre nós, os pontos básicos da sua obra inteligentíssima na última administração, é um choque formidável neste ambiente atual, mais estagnado, talvez, que o anterior.

Um choque formidável, porque põe num terrível contraste o passado e o presente, o que podia ter sido com o que, desgraçadamente, é. Antes da Reforma, compreendia-se um ambiente como o atual. Depois dela, não só não se compreende como também não se perdoa.

Fazer uma grande obra nem todos a podem fazer. Mas respeita-la e favorece-la, isso, sim, já é mais fácil, e depende até menos da inteligência, que da boa vontade daqueles a quem ela é confiada.

Falando mais uma vez da sua Reforma, o dr. Fernando de Azevedo fez, sem querer, o mais espantoso balanço da nossa atividade educacional posterior á Revolução.

Acabando de ler o seu artigo, fica-se perplexo, e pensa-se: “Havia então, esta obra! ... E o que é feito dela?”

Mas ninguém sabe ... (DIÁRIO DE NOTÍCIAS , Rio de Janeiro. Página de educação. Jun. 1931).

Em dezembro de 1931, a página de educação traz uma conferencia pronunciada por Anízio Teixeira, onde o mesmo explica os novos planos da educação, manifestações em torno de educação parecia se inclinar para os educadores da Escola Moderna. Vargas solicita um plano renovador para a educação brasileira, segundo Marta Chagas de Carvalho:

Na IV conferência, realizada em dezembro de 1931 [...] o Governo Provisório pede aos conferencistas nela reunidos que forneçam a “ formula feliz”, o “conceito de educação” que embase sua política educacional. A história é conhecida: a recusa da conferencia em responder ao Governo abre espaço político para o lançamento do Manifesto dos pioneiros da Educação Nova. O que é pouco sabido é que, por ocasião dessa Conferência, era o grupo católico que detinha o controle da entidade. E, também, que a Conferencia não respondeu ao Governo porque a oposição, chefiada por Fernando de Azevedo e medida pela intervenção de Nóbrega da Cunha na assembleia de instalação do Congresso, desarticulou a resposta que vinha sendo preparada pela situação em comum acordo com o Ministério da Educação. A intervenção de Nóbrega da Cunha adiava a resposta para a V Conferencia, potencializando as chances de que o adiamento facilitasse a preparação de uma resposta ao Governo que fosse mais condizente com as posições do grupo de que era o porta-voz.

Sobre determinada conferência, Cecília trouxe sucessivos comentários, sobre a fala de Getúlio Vargas ela ponderou que:

O eminente chefe de governo, por exemplo, num discurso de encantadora espontaneidade, onde não se sabe o que mais admirar, se a boa fé com que o pronunciou, se os largos panoramas que descortinou para o auditório, confessou que, empolgado pelo fervor dos olhares, dos congressistas, passava a interessar-se seriamente e prometia dar todo o seu apoio á obra da educação nacional. Só por esse compromisso valia a pena reunir-se em Conferencia... Só por isso, quer dizer, por esse apoio. Porque a verdade é que nós todos acreditamos que o compromisso já estivesse assumido no momento em que se deliberou a Revolução... Por onde se vê que a realidade e o chefe do governo promete todas as realidades – se origina dos sonhos dos idealistas. (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro. Página de educação. Dez. 1931).

Ao realizar determinada conferência dá-se um momento de forte evidencia para a história da educação brasileira, pois foi nesse primeiro congresso a se realizar após o movimento de 1930, que seria pensado um plano renovador para questões educacionais no país. O evento despertou interesse, não apenas de quem o organizou, mas também por parte das classes de professores e das autoridades constituídas. Segue um telegrama enviado pelo chefe de governo demonstrando seu interesse no evento:

Devendo reunir-se a 13 de dezembro nesta capital, sob patrocínio governo federal, Quarta Conferência Nacional de Educação, junto á qual funcionará também exposição de livros, material didático, legislação, estatística e aspectos da vida escolar brasileira, determinei ministro da Educação convidasse delegados governo federal a fazer-se representar Conferência e Exposição, bem assim a que dessem credenciais um dos seus representantes, de preferencia próprio diretor instrução pública, para subscrever convênio com governo da União no sentido de assegurar indispensáveis aperfeiçoamento e padronização nossas estatísticas escolares mediante adequada cooperação administrativa. No propósito, pois, prestigiar iniciativas ministério da educação e melhor assegurar êxito importantes certames em preparo, dos quais muito espera causa nacional, quero manifestar, pessoalmente, aos interventores federais o meu vivo interesse pelo concurso que lhes foi solicitado e pela condigna representação todas unidades Federação brasileira tanto na Conferencia como na exposição comque pensamos focalizar de modo impressionante realizações e necessidades nacionais em matéria ensino e educação popular. Cordiais saudações. (a) Getúlio Vargas, chefe governo provisório (DIÁRIO DE NOTÍCIAS1931).

O manifesto dos pioneiros da educação nova pode ser demonstrado pelas inúmeras manifestações que se fizeram na imprensa e nos meios acadêmicos. Meireles como assinante deste documento, trouxe e explicou em seus comentários a conquista desses escritos. Em

1932, a Página de Educação dedicou-se ao manifesto da Nova Educação, a mesma preocupou-se em explicar do que se tratava o manifesto:

O “Manifesto da Nova Educação” foi lançado numa época de manifestos ,-- o que equivale dizer numa época de grandes inquietações. [...] O “Manifesto da Nova Educação” fez voltar as vistas dos que o leram para a nossa realidade humana e brasileira. A realidade da nossa inteligência desamparada, do nosso futuro comprometido numa tentativa social que parece mítica, tanto andamos transviados e ignorantes, em cada um dos nossos elementos. [...] O manifesto foi o acordo dos que tem trabalhado nestes últimos tempos, com unidade de intenções, nesse caminho muito desconhecido ainda, e muito caluniado, de onde, não obstante, haverá de surgir uma verdade tranquilizadora. Ele coordena ideias, disposições e propósitos; foi um espontâneo compromisso de cooperação. E, como os que o assinaram não o fizeram por esnobismo, mas tendo já provas de serviço verificável, o Manifesto não foi uma tirada de retórica futilmente lançada aos ares, mas o anúncio ao governo, de um programa de trabalho, e uma promessa ao povo de cumprir. Numa terra em que as promessas são sempre recebidas com cepticismo, estas trouxe a vantagem, precisamente, de estar em andamento, quando apareceu redigido. Basta lançar os olhos ao redor: os nomes mais proeminentes, na presente ação educacional, são nomes pertencentes ao grupo do Manifesto (DIÁRIO DE NOTÍCIAS,. 1932).

Esse movimento que se intensificou nas reformas do manifesto educacional nos debates da Conferencia de Educação organiza e estabelece nova politica educacional da qual se desperta de forma consciente os problemas dentro e fora do campo educacional, prepara-se assim um caminho para que possam ocorrer reformas escolares, desacredita-se de antigos princípios e dar-se processualmente novas tentativas de reorganização escolar onde ideias e ambientes pedagógicos são resultados da realidade social e politica vivenciada. Meireles apresenta-se como intelectual a partir do que propõe o historiador Jean-Françoés Sirinelli num sentido amplo e sociocultural englobando os criadores e os mediadores culturais – na qual se inserem jornalistas, escritores, professores e eruditos; outra mais estreita, baseada na noção de engajamento, considerando o intelectual que se põe a serviço da causa que defende. (SIRINELLI, 1996). Há nos manifestos a reunião de grupos com um desejo comum, onde o pesquisador se atenta a compreender um conjunto de sociabilidades construídas num campo intelectual.

A escola vista sob esse novo ângulo deve proporcionar a criança meios para que ela se desenvolva de maneira natural e generosa, contrária á tendências tradicionalistas, da qual não desperta a educação na criança de forma espontânea, o novo modelo de educação prioriza cada período de formação que se passa pela vida entendendo cada etapa e seus modos de evolução. De modo que desperte o interesse no educando onde possa haver conexão entre o

educando e com meio ao qual está inserido, estimulando para que com seu próprio esforço penetre física e assiduamente no mundo onde irá viver.

Para que esse novo modelo possa ser exercido é necessário que se tenha apoio na aplicação desses novos princípios dos quais Meireles também propôs e apoiou para modificar e transformar na escola pública, articulando sociedade, comunidade e ensino um novo modelo educacional que se articule desde criança á universidade e que não esteja voltada apenas para a classe média.

Em 1935, Cecília Meireles foi nomeada para trabalhar na universidade do Distrito Federal, inaugurada por Anísio Teixeira e trazia uma proposta também inovadora voltada a educação, oportunidades que elevou Cecília a obter contato com outros escritores do período. Porém pouco tempo depois Anísio Teixeira foi acusado de participar do levante armado promovido pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) contra o governo federal pouco antes de sua demissão.

Meireles atuou além da literatura e de jornais como o Diário de Notícias, em 1941 também foi responsável por publicações na revista *Trevel in Brazil*, em língua inglesa e dedicando - se internacionalmente através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), segundo Tania Regina de Luca a revista “ possuía capas coloridas e chamativas, grande quantidade de fotografias de excelente qualidade e um projeto gráfico muito bem cuidado”, possuía ainda colaboradores como Mário de Andrade do qual falavam sobre música e outros temas e conseguia que assuntos “ proibidos” como falar de manifestações culturais negras fossem inclusos em publicações.

O Rio de Janeiro vista como cidade modelo, Capital da República tornou-se “eixo de irradiação e a caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo” (SAVCENKO, 1998, P. 522). Em meio há um período marcado por fortes valores familiares, onde hora exaltava questões a favor da valorização da família, ora estimulava valores modernos, Meireles ocupa lugares até então eminentemente masculinos e se ganha destaque em espaços como a Academia Brasileira de Letras, onde ganhou maior destaque com o livro *Viagem* (1938) do qual ganhou o premio Olavo Bilac.

Percebendo tais manifestações em torno das relações e dos discursos envoltos, percebem-se na escrita de Meireles os conflitos que envolvem aproximações e afastamentos em espaços de publicações do feminino, sobre isso Certeau, 1994 e Foucault, 1995 *apud* Rocha (2011, p. 33) apontam que:

O ingresso feminino nos espaços de publicação e representação literária constitui um movimento de abertura de veredas pelas quais as mulheres

angariavam reconhecimento intelectual. Além disso a prática escriturística possibilitava às mulheres a inscrição de novos sentidos para atuação feminina em sociedade.

Assim, o trabalho a seguir busca perceber como se deu a escrita de Meireles e suas obras em meio à época, como se deslocou em meio a questões sociais que demarcavam as possibilidades de atuação feminina, percebe-se que os lugares eram restritos a atuação feminina e o reconhecimento literário era ainda de difícil acesso, por ser vista como prática masculina. Busca-se assim, perceber uma dimensão intimista em Meireles, suas sensibilidades em meio a conflitos da época.

CAPÍTULO II – A ESCRITA FEMININA E A LITERATURA INFANTIL DE CECÍLIA MEIRELES

SOLIDÃO

IMENSAS noites de inverno, com frias montanhas mudas, e o mar negro, mais eterno, mais terrível, mais profundo.

Este rugido das águas é uma tristeza sem forma: sobe rochas, desce fráguas, vem para o mundo, e retorna...

E a névoa desmancha os astros, e o vento gira as areias: nem pelo chão ficam rastros nem, pelo silêncio, estrêlas.

A noite fecha seus lábios — terra e céu — guardado nome. E os seus longos sonhos sábios geram a vida dos homens.

Geram os olhos incertos, por onde descem os rios que andam nos campos abertos da claridade do dia. (Cecília Meireles)

O acesso feminino restrito ao conhecimento deu subsídio para que poucas mulheres obtivessem reconhecimento literário e seus lugares na escrita eram de difícil acesso, críticas da sociedade, oposição de familiares eram frequentes numa prática considerada masculina até então. As inquietações em torno do feminino são notadas em obras de Meireles tanto no campo literário, quanto educacional sua escrita ganha nova visibilidade, pois expressa sentimentos em sua escrita literária.

As publicações femininas do período eram um estímulo, possibilidade de reconhecimento intelectual para as mulheres. As publicações de determinado período em jornais equiparavam o processo de reconhecimento no campo profissional e intelectual, há contradições quanto a representação do feminino, pois era dito que as mulheres deveriam ser mães, esposas e donas de casa e ainda que as mulheres poderia ampliar-se educando-se e ingressando no mercado de trabalho. Assim “ percebem-se que as publicações em jornais e a escrita também agia na constituição das diferenças e desigualdades de gênero, quanto abria espaço para a resistência, ao projetar representações plurais”. (CARDOSO, p.107, 2009).

O ingresso feminino no campo da palavra escrita e de suas publicações esta relacionada á deslocamentos que anunciam práticas e saberes. Quanto ao acesso á educação há o alargamento também das condições possíveis de realização, que vai muito além do espaço doméstico, estimulados pelos discursos feministas. Os papeis femininos e masculinos eram

vistos como de desordem, pois era preciso que fosse delimitado seus papéis e mais ainda num espaço que se estava sendo dedicado a espaços literários em jornais, dos quais ora estavam vinculados a partidos políticos, ora não.

Nota-se também que é nas primeiras décadas do século XX que é fundada a Academia Piauiense de Letras em 1917 e do Cenáculo Piauiense de Letras em 1927, a exemplo, o trabalho de Olivia Candeia de Lima Rocha discorre acerca do momento em que mulheres conseguem uma abertura no que diz respeito a sua escrita dentro do campo de discursões e debates do qual se estavam sendo introduzidos no período determinado na Academia Piauiense de Letras:

A escritora Amélia de Freitas Belivaqua foi a primeira mulher a ingressar na Academia Piauiense de Letras em 1921. Esta instituição também homenageou Luiza Amélia de Queiroz, ao escolher seu nome para patrocinar uma de suas cadeiras. Essa acolhida aos nomes femininos demonstra que a atuação literária feminina era aceita ao mesmo tempo em que constituía um incentivo, como indicativo da possibilidade de reconhecimento intelectual para as mulheres na sociedade. (ROCHA, p. 45. 2011).

A comunicação de mulheres no universo da literatura começava a ser aceita, mais ainda é uma atividade secundária em relação aos papéis femininos dentro do lar, a mulher poderia se dedicar a família e a escrita sem se desviar de seu papel de mãe e esposa, adquire uma feição feminina no espaço privado, devido a mulheres começarem a ocupar lugares, antes considerados exclusivamente femininos.

Conhecimentos adquiridos através das transformações dos modelos de mãe e esposa, passa a ser qualidade, forma de procurar obter reconhecimento intelectual, onde o cotidiano ganha movimento em torno das perspectivas de educação e trabalho para mulheres, essa abertura de espaços em que a mulher poderia atuar no mercado de trabalho educacional e o crescimento de mulheres que se instruiu e de leitora.

Não muito distante desse cenário, Meireles com a morte do marido em 1935, assume papel de chefe de família, viveu um dos períodos mais difíceis de sua vida e também de sua carreira nas tentativas de implantar suas realizações educativas, em meio a esse estado de dor, brotam coisas novas, a literatura tornou-se seu objetivo prioritário, concentrou-se na produção de novos livros. Escreveu, não apenas se referindo ao campo literário, mais também de modo autobiográfico, onde recompunha sua história de vida. Em carta a Fernanda de Castro escreveu “ estou escrevendo um livrinho em prosa que me parece a melhor coisa que já fiz”, tratava-se de *Olhinhos de Gato* (1983), obra a ser abordada nas próximas páginas.

Na mesma correspondência, Meireles comunica que outro livro de poemas *Viagem* (1938) está concorrendo ao prêmio de poesias da Academia Brasileira de Letras, onde conquista o prêmio Olavo Bilac. Sobre *Viagem* (1938) obra que deu a Meireles o prêmio, Cassiano Ricardo autor da opinião fundamentada sobre o prêmio da academia, destacou:

O que se observa nas composições de *Viagem* é uma riqueza enorme de vida interior. Nítida compreensão humana das coisas. Surpresa de observação quando ela recorta um trecho de paisagem com seu espírito agudo e lhe dá umas tintas frescas e puras de sentimento. O livro espelha o instante dramático do mundo que estamos vivendo. É todo ele feito de inquietação que é um grito surdo e silencioso posto em rimas também suadas e silenciosas. Inconformismo que não encontra remédio na desordem do mundo atual. A poesia de Cecília Meireles tem o dom de reduzir as coisas a um mínimo de matéria e de cor, sem desprezar a música incorrigível e secreta [...] que ficou em nós, neste país que é um tesouro de ritmos. (RICARDO, 1939).

E mais que isso, quando o autor referencia a obra de Meireles ainda acrescenta que:

A novidade de forma, do ritmo, de ideia lhe dá o direito de dizer coisas que outros poetas não se lembraram de dizer ainda. Sua poesia tem força expressional. Ela mostra que pode ser moderna guardando o sentido de disciplina e do bom gosto. Cecília Meireles realiza dois passeios, um as fontes puras e tradicionais do sentimento no momento que todos fazem no intelectualismo, e outro, ao clássico, na desordem do mundo atual. O resultado desses dois passeios é um brinde ao leitor. (RICARDO, 1939).

Meireles no concurso desloca julgamentos e num meio eminentemente masculinizado passa a um plano maior do que o considerado e abre espaço para contrate para se opor entre coisas ou pessoas e obtém destaque o que causa conflitos e repercute tanto na imprensa quanto na opinião pública, o que ocasionou acontecimentos que destacaram personagens do maior campo de letras do país.

O julgamento do concurso expôs o conflito entre criatividade pessoal e tentativa de controle pela Instituição. A comissão julgadora designada pela Academia para analisar as trinta obras escritas (com a desistência de uma das concorrentes, vinte e nove foram julgadas) era presidida por Cassiano Ricardo, autor do polêmico parecer que foi subscrito pelos demais membros da comissão: o poeta Guilherme de Almeida e o sócio-correspondente João Luso. O autor de *Martim Cererê* propôs que se conferisse ao livro *Viagem*, da poetisa Cecília Meireles, o primeiro prêmio e, para torna-lo maior, que além de primeiro fosse o único prêmio.

O acadêmico e médico Fernando Magalhaes pediu vistas do parecer, por tempo indeterminado, provocando intenso debate através da imprensa, retardando o julgamento. O embate envolveu personagens com as quais Cecília já se defrontara anteriormente, deixando transparecer resquícios de uma questão ideológica que remontava aos momentos da defesa de *O espírito vitorioso*. (LÔBO, 1996, p. 531).

A obstinação de Fernando Magalhães se deu por questões de cunho pedagógico da qual Cecília vinha até então defendendo, em suas publicações, assim como Alceu Amoroso Lima, que também fazia parte da Literatura Vernácula do Instituto de Educação e que também não defendia o fato de Meireles ter se destacado em meio ao campo literário do qual nomes masculinos até então tinha maior destaque.

Após longos dias de debate, a Academia concedeu o prêmio de poesia a Cecília Meireles. Outorgadas as demais premiações – teatro, contos -, escolheram, os contemplados, a poeta para que lhes fosse a intérprete na solenidade de entrega das premiações. No entanto, a “pastora de nuvens” de *Viagem* não chegou a pronunciar seu discurso em nome dos companheiros. Vestígios da intransigência ocorrida no concurso do Instituto de Educação voltaram a jorrar nesse momento, através de outra personagem: o sr. Oswaldo Orico, concorrente e derrotado por Cecília, que impôs cortes ao discurso que ela pronunciaria na Academia em nome dos premiados. Previamente informada de tal censura pela Academia quanto aos aspectos de ataque a Pátria, à família e à pessoa de acadêmicos, Cecília considerou, ao escreve-lo, aquelas recomendações. Entretanto, constatando a mutilação feita pelos censores e percebendo como tinham se excedido, decidiu não pronunciá-lo. (LÔBO, P.531, 1996).

Meireles além de defender a educação, que até então era o lugar de debate possível e aceito para mulheres, também estava num confronto de ideias das quais envolvia política e o campo literário que até então só aparecia nomes masculinos, a atuação política é considerada fora dos parâmetros femininos, além de tirar a imagem delicada feminina. Atividades consideradas de controle masculino ao se deparar com o avanço de mulheres configuravam-se como um perigo, pois o homem perderia espaço, era necessário que se delimitasse espaço de atuação entre homens e mulheres. Em publicação ao *Jornal do Commercio* em 1939, Meireles dá explicações sobre seu gesto:

Quando na Academia, me disseram que eu seria a oradora, estranhei muito. E quando me esclareceram que havia censura “acadêmica”, perdi a inspiração. Assim mesmo, escrevi o discurso. A primeira censura do professor Austregésilo pedia-me apenas para ponderar as passagens sublinhadas de vermelho. Não entendi bem por quê. Estava disposta a transigir, não obstante para – para simplificar. Mas recebi um convite do Dr. Levi Carneiro, para passar pelo escritório. Conversamos, analisamos as passagens em questão, mas, com surpresa, vi que ele se interessava por outros cortes. E disse-me que esses cortes eram (não dele...) do Dr. O.O. [Oswaldo Orico].

Ora, este cavalheiro não pertencia à comissão de censura. Parece-me mais uma irregularidade sobre todas as outras anteriores. Mas o Dr. L.C. me declarou que as subscrevia... Que fazer? E disse-me que as passagens apontadas podiam ser tomadas como “alusão” [...] Lamentei muito que tal pudesse suceder, mas não era culpa minha evidentemente... E cheguei á

conclusão seguinte: havia um equívoco em tudo aquilo. A Academia parece que desejava que eu falasse em seu nome... Mas eu pretendia falar em nome de premiados...

Disse isso ao Dr. L. C., mostrando-lhe que as coisas eram um pouco diferentes... E, portanto, não chegamos a nenhum acordo...

Depois o professor Austregésilo ainda tentou, gentilmente, conciliar as coisas. Mas era um pouco tarde e eu estava sem paciência...

Foi só.

Nos trabalhos de Meireles há abertura de espaços para a atuação da mulher no mercado de trabalho educacional, onde favorecia que se reproduzisse em tamanho maior o indeterminado campo de mulheres instruídas, leitoras e escritoras. A educação, modelo determinante de mudança social e família foram fatores decisivos para impulsionar o crescimento de conhecimentos que a mulher pudesse ter sua participação tanto no que se refere ao campo literário, quanto educacional.

Segundo Elisângela Barbosa Cardoso (2009, p. 109) “entre os anos de 1920 e meados dos anos 1930, quando a questão da emancipação e da independência femininas foi mais enfatizada, em virtude do movimento feminista e do ingresso no ensino superior e no mercado de trabalho”. Nota-se que os discursos que se tinham vinculado no período permitiam pensar numa cultura que não estivesse restrita, mais que poderia ocorrer flexibilidades, marcada por oposições havia a aspiração de controle para com a mulher, impondo limitações em seus desempenhos.

Portanto, acreditava-se necessário controlar qualquer trabalho que fosse favorável a igualdade entre mulheres e homens, pois a mulher que trabalhasse fora do seu lar estaria ameaçando outros papéis até então considerados mais importantes, como os de mãe, esposa e dona de casa. Visto que ainda nos anos de 1930 houve vasta intensificação da industrialização e urbanização, assim como do mercado de trabalho e das possibilidades de escolarização, onde abriu espaços para que a mulher pudesse adentrar ao mercado de trabalho que não fosse restrito apenas as escolas.

Meireles e outras poetisas do período como Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas usando o pseudônimo de Cora Carolina, apesar de não ter incorporado o discurso feminista tão presente naquele momento, foram consideradas libertas das influências imposta na sociedade conservadora em que viviam. Cora Carolina escreveu seus textos inspirados em mulheres, porém não seguia os moldes tradicionais, também cintilava sua solidão. Em seus versos a mesma propõe uma poesia que aqueles que a sociedade afasta-se possa aparecer,

como no poema *Mulher da vida* do qual a mesma procura refletir como a mulher é esquecida e discriminada pela a sociedade, pois não sendo a dona de casa, que cuida do seu lar, era esquecida da sociedade e possuía os mesmos direitos que aquelas do lar.

São nas publicações literárias que se criam alianças em torno da mudança em relação a leitura e escrita em torno de mulheres. Situam-se numa época que a escrita mesmo a escrita feminina sendo negada, havia luta para que pudessem conquistar novos espaços. Cora Carolina escolhe falar da mulher prostituta em seu poema *Mulher da vida*, justamente para mostrar aquelas que estão mais as margens da sociedade, posicionando-se política e criticamente no modo como essas mulheres sobrevivem em sociedade.

Em trechos do poema de Cora Carolina fala-se da mulher prostituta que existiu em todos os tempos, mais sempre foi tratada de forma desprezável:

Mulher da Vida, minha Irmã. De todos os tempos. De todos os povos. De todas as latitudes. Ela vem do fundo imemorial das idades e carrega a carga pesada dos mais torpes sinônimos, apelidos e apodos: Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida, Mulher à toa. Mulher da Vida, minha irmã. Pisadas, espezinhadas, ameaçadas. Desprotegidas e exploradas. Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito. Necessárias fisiologicamente. Indestrutíveis.

Sobreviventes. Possuídas e infamadas sempre por aqueles que um dia as lançaram na vida. Marcadas. Contaminadas, Escorchadas. Discriminadas. (CORALINA, 2008, p. 261-265).

Coloca-se ao lado da mulher que vive fora dos padrões dos quais a mulher para aquele período deveria pertencer, minha irmã, como refere-se mostra em defesa da mulher retratada na sociedade que a mesma vive, princípio onde ultrapassa limites até então censurados para a mulher. Cora procura mostrar a mulher que apesar de fragilizada, é sensível e forte para enfrentar os preconceitos em sociedade. Realidade vivida, percebe-se que mesmo já conquistando sua liberdade era necessário que o homem estivesse presente conservando sua imagem protetora.

Poetisas, como Cora e Meireles participaram de lugares que até então era apenas masculinos, ocuparam lugares como o magistério e escreveram sobre o que vivenciaram, desde então, a escrita procura colocar-se num movimento em que reconheça a mulher como participante e atuante, onde há deslocamentos numa sociedade que se reflete patriarcalmente.

Em meio ao conturbado período vivenciado por Meireles e ainda com o suicídio de seu marido em 1935, fato que marcou os meios artístico e jornalístico da época, Meireles assume todo o papel de chefe de família e vivencia um dos períodos mais impactantes de sua vida, continua com seus trabalhos em obras como *Viagem* (1938), citada anteriormente, o livro é

composto por 99 poemas, onde trata de felicidade, da poesia, solidão e amor. Outros livros como *Mar absoluto* (1945) parecem dar continuidade a obra onde fala de música, do mar, de sons da natureza. No livro *Viagem* (1938), trata de solidão em poemas como criança:

CABECINHA boa de menino triste, de menino triste que sofre sòzinho, que sòzinho sofre, — e resiste.
Cabecinha boa de menino ausente, que de sofrer tanto se fez pensativo, e não sabe mais o que sente...
Cabecinha boa de menino mudo que não teve nada, que não pediu nada, pelo mêdo de perder tudo.
Cabecinha boa de menino santo que do alto se inclina sôbre a água do mundo para mirar seu desencanto.
 Para vêr passar numa onda lenta e fria a estrêla perdida da felicidade que soube que não possuiria. (MEIRELES, 1938, sp).

Ao obter contato com esses poemas consegue-se perceber e sentir os silêncios, a solidão, os sons, as cantigas e por isso se uniu a poesia em Meireles mais estudada por seus escritos no singular, o que esses escritos tem a nos dizer acompanhando os delírios de seus personagens ou seria uma narrativa poética ou até mesmo romance autobiográfico, sendo capaz de manter sua memória natural.

Meireles expressa sentimentos como solidão, devaneio em obras como *Viagem* e ainda esses mesmos temas em outras obras infantis como *Olhinhos de gato*, *Giroflé*, *Giroflá* e *Ou Isto ou Aquilo* onde o narrador oferece as experiências e momentos de sua infância. Estimando-se esse novo mundo em que a criança se deslumbra com suas preciosas pedrinhas, conchas, dos colares feitos por Josefina. Somos levados por caminhos dos quais Meireles se aproximou em suas vivências de infância, menina sozinha onde encontra momentos de profunda tristeza ou de alegrias.

A infância tem lugar privilegiado nas obras da autora. Em *Ou Isto ou Aquilo* (1964) as brincadeiras, cantigas de roda, os sonhos, as aventuras são vistas sob a ótica poética, o sentido de olhar para a formação ética da criança se faz presente. Em *Olhinhos de Gato* (1983) obra produzida para o infanto-juvenil, na narrativa momentos da infância se misturam com lembranças, há a descrição de costumes, menção á datas comemorativas “retalhos de uma memória que é de Cecília, mas que também pertence a outros que, como ela, foram crianças no Rio de Janeiro do início do século XX.” (NEVES, 2001, p. 33).

A poesia de Meireles é íntima ao partir de narrativas onde suas memórias de infância transcendem momentos de felicidade ou ora de profundas tristezas. Em obras como *Ou Isto ou Aquilo* (1964) e *Criança Meu Amor* (1924) onde há mandamentos iniciadas pela palavra devo, “devo amar a escola como se fosse meu lar”, “devo amar e respeitar a professora como

se fosse minha mãe”, “devo fazer dos colegas meus irmãos”, “devo ser verdadeiro”, “devo ser dócil”. As crianças “boas” são vistas como modelo a ser seguido e excessivamente apontadas como exemplo. (MEIRELES, 1977, p. 55).

Em *Ou Isto ou Aquilo* (1964) ultimo livro publicado por Meireles, é constituído por poemas, todos para o público infantil. O mundo da criança com suas brincadeiras, músicas de roda, as aventuras e as manhas infantis são vistas nas poesias. Como no caso da “ moda da menina trombuda”:

*É a moda
Da menina muda
Da menina trombuda
Que muda de modos
E dá medo.
(A menina mimada!)*
*É a moda
Da menina muda
Que muda
De modos
e já não é trombuda.
(A menina amada!)*
(MEIRELES, 1990. p. 11)

Na obra o tom propenso ao pedagógico e dedicado no sentido de formar princípios na criança se mantém. As boas crianças sempre são recompensadas, enquanto as desobedientes são castigadas. O humor da menina trombuda provoca reprovação “ a menina mimada” e logo sua mudança eleva aprovação “ a menina amada”, nota-se que os personagens aprendem se caracterizando por meio da fantasia, característica da imaginação da criança.

Ao deparar-se com a leitura em *Olhinhos de Gato* (1983) percebe-se que são fragmentos da infância da própria Cecília, são em suas memórias de infância que esta seu próprio campo sentimental, sua solidão descoberta quando adulta. Ou em trechos do poema “ reino da solidão” em *Giroflé, Giroflá* (2003) onde a principal personagem é uma menina que tem consciência do lugar em que quer entrar, apesar de não conhecer e descobre ao adentrar num reino que este possui regras e que ela quer conhece-lo “ nesse momento, a menina que passa pela rua, sem rumo certo, encontra as altas grades e adivinha: ah este é o reino da solidão”, ou ainda “ a menina parada no reino da solidão. Imóvel. Como o perfume na flor. Alada. Como o perfume no ar”. (MEIRELES, 2003, p. 40 – 1). Percebe-se o requinte das metáforas que atesta os traços poéticos nas obras de Meireles e mais ainda a poesia de Cecília Meireles e sua prosa são elementos em comum que guardam sua voz e suas palavras, segundo Tzvetan

Todorow “não basta dizer em que ela é diferente da prosa, pois as duas tem uma parte comum que é a literatura”. (TODOROW, 1979, p. 68).

A escrita de Meireles forma-se de maneira delicada e complexa, cada conhecimento parte dum todo precioso e sua lembrança é moldada pelo trabalho literário. A mesma coloca-se em frente e nos envolve em suas lembranças como num livro, em “ No Tempo de Giroflé”, conto de *Giroflé, Giroflá* (2003) :

A vida vai sendo levada para longe, como um livro, que tristes querubins contemplam, resignados. Ah, mas as pálidas imagens ainda resistem: saem dos seus primitivos lugares, aparecem onde não as esperávamos, desdobram-se de outras figuras que nos apresentam, acordam as primeiras experiências, as indeléveis curiosidades do nosso amanhecer no mundo. (MEIRELES, 2003c, p. 8).

As “ pálidas imagens” lembra-nos as lembranças dum passado, mas que ainda resiste em meio há outras que nos leva para mais longe, a escritora eleva o uso da memória em seus escritos, as lembranças do seu passado se fazem presentes na sua escrita, o devaneio, a nostalgia de sonhar acordada é embasada nas lembranças de seu passado.

Em *Olhinhos de Gato* (1983) as lembranças que se dão em torno do que o narrador traz nos apresentam objetos que dão aspectos aos personagens, dão forma as lembranças que o narrador tem deles, quando *Olhinhos de gato* está com febre e proibida de sair, se distrai olhando o quarto:

A bacia pousava num pano de renda. Havia a saboneteira. Uma caixa redonda de cristal, com pó-de-arroz. Um copo facetado, com letras de ouro. Uma caixa de jóias, anéis, cordões de ouro, broches quebrados, santinhas de esmalte... Na prateleira estava o porta-relógio, que abria e fechava suas duas grandes conchas de nácar. Estava também o termômetro, armado num suporte difícil, com roxos cachos de pequeninas uvas, e retorcidos pâmpanos dourados. De onde viera tanta coisa? Onde estavam os donos daquilo? Do relógio fechado ali dentro, dos vestidos guardados naquele armário? Do imenso leque de tartaruga que um dia vira na gaveta? Os olhos azuis-verdes-cinzentos paravam no ar, e recordavam outras coisas, subitamente: um par de luvas brancas, de homem... uns sapatinhos de bico fino e pompom — tão pequeninos que quase lhe ficavam justos no pé... E aquela mesma voz ali do quarto, dizendo às vezes, a olhar para as nuvens: "Minha querida filha!" com duas lágrimas grossas, descendo... OLHINHOS DE GATO pousava então a vista no espelho, procurando, procurando. Todos aqueles rostos deviam ter passado por ali... Mas o espelho ainda é mais infiel do que a memória humana... (MEIRELES, 1983, p. 7).

Há a exposição do espaço onde a personagem está, percebe-se que se busca saber onde estão as demais pessoas da família de *Olhinhos de gato*, a menina vive num ambiente repleto de lembranças daqueles que não estão mais aqui, o enxoval da mãe falecida, a caixa de jóias, anéis, cordões de ouro, broches quebrados, santinhas de esmalte, ver esses objetos leva a

menina não a recordar pessoas, pela a sua pouca idade não seria possível, mas realizar um vínculo entre ela e os objetos usados por essas pessoas. O espelho, assim como em “Retrato”, na obra *Viagem* (1938) onde a mesma busca seus caracteres próprios:

*EU NÃO tinha êste rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem êstes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem fôrça, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha êste coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: — Em que espêlho ficou perdida a minha face? (MEIRELES, sp. 1938).*

Porém, aqui Olhinhos de Gato procura não sua identidade, mais daqueles que não pode se lembrar. Na ausência dessa busca de passado, a menina ver-se incapaz de fazer surgir reflexos seguros no presente, aparece apenas representações do anterior a sua existência.

Em *Giroflá Giroflá* (2003) também há objetos e suas ligações com seus personagens, como o caso do colar de contas de Josefina:

Ela ainda era menina, mas vestia-se como uma pessoa antiga: parecia uma viúva pequenina. Apenas um colarzinho iluminava esses vestidos tristes: era de contas lisas, umas contas de vidro tão roliças, tão lustrosas, que pareciam colhidas num rio, e guardavam a transparência e a fluidez das águas, e eram mais azuis que o céu. Esse colar alegrava os vestidos, alegrava tudo: de longe se via o seu colar, antes de se avistarem os olhos de Josefina, que eram tão bonitos mas tão tristes, veludosos, quietos lilases, como os de um coelho branco. (MEIRELES, 2003, p.14)

Ao decorrer do texto nos deparamos com a morte de Josefina falecera por conta de sua doença, o colar de contas e os arranjos de flores não estarão em seu caixão, havia flores mais não foi feitas por Josefina, o sentimento de tristeza parece estar presente na morte da personagem, o conto ganha um tom triste que se faz presente na perda da personagem. Na narrativa percebe-se que há lembranças da própria autora, seus sentimentos foram retirados de sua própria infância e expressaram de maneira intensa em seus contos de onde tiraram de sua própria infância, suas recordações.

A lembranças fazem parte de seus escritos, em *Olhinhos de Gato* (1983) a memória é essencial para seus escritos:

A memória é matéria de sua poesia. Não apenas porque alguns nos episódios e personagens de Olhinhos de gato estão presentes em sua obra poética – a série intitulada Papéis, de setembro de 1955, praticamente reescreve, em clave de poesia, trechos de sua prosa memorialística (Meireles, 1994, pp. 1085-1087) – mas também, e principalmente porque alguns de seus poemas sugerem uma reflexão densa sobre os trabalhos da memória, que, tal como a palavra poética, sabe que “a vida só é possível reinventada” (NEVES, 2001 apud GOMES, 2014, p. 28).

Percebe-se que a escrita de Meireles caracteriza-se em parte pelas recordações, além do sentimento de perda que se faz presente em *Olhinhos de Gato* (1983), por exemplo. Os traços que de Meireles presentes em suas obras faz sua imagem como criança, em entrevista a revista em 1964, a mesma declara que:

Em pequena (eu era uma menina secreta, quieta, olhando muito as coisas, sonhando) tive tremenda emoção quando descobri as cores em estado de pureza, sentada num tapete persa. Caminhava por dentro das cores e inventava o meu mundo. Depois, ao olhar o chão, a madeira, analisava os veios e via florestas e lendas. Do mesmo jeito que via cores e florestas, depois olhei gente.

Percebe-se que Meireles alcança em suas obras pontos de semelhança, o ato de recordar adquire forma na sua escrita, ao deparar-se com a leitura de seus contos aparenta-se que ali está suas próprias lembranças junto aos sentimentos que há levam à afetividade. Há aqui também o intuito de perceber uma leitura em seu íntimo, num conjunto de aproximações em sua escrita, sua sensibilidade, sua solidão.

No suspirar que se inicia a obra, no silêncio das entrelinhas, no suspiro matinal. Nas lembranças de *Olhinhos de Gato* (1983), o suspirar vem para enunciar o que há em seu princípio de vida, sentimentos, essência, o vento dar forma há todos as coisas, a menina se move pelo suspiro, percorre imensos lugares através do seu olhar:

O SUSPIRAR do vento matinal por aquela alta folhagem... E as mil coisas que começava a desenhar, sobre o céu transparente, o seu sussurrante suspiro: lua crescente, branca e sem luz, esquecida no ar da manhã... flocos de cores das nuvens, com fios de ouro pelo meio... giro dos pombos, para longe, para longe, como para dar volta ao mundo, arqueando as asas... cigarras de bronze e cristal sonoramente aderindo ao galho rugoso... e o piar dos passarinhos – goelas vermelhas contra a luz, e ávidas, ávidas... teias de aranha estendendo redes de prata pela laranjeira... moscas verdes zumbindo... duros besouros roliços... libélulas vestidas de vidro... [...] - OLHINHOS DE GATO! Voltou os olhos, fatigada. (MEIRELES, 1983, p. 1)

Diante dessa análise percebem-se as várias imagens poéticas, mergulhadas na solidão e na sensibilidade onde se harmoniza em sua nostalgia. O mundo sonhado pela a mesma é posto em sua poética, quem o ler também sonha e consegue perceber seu mundo, no seu imaginário também se cria imagens da infância que a mesma busca representar.

A infância é o realizar-se nas brincadeiras, nas descobertas. O mundo é mágico e a procura por desvendar seus encantos é enorme, as aventuras se fazem nos desenhos que

moldam o seu cotidiano, momentos únicos que vivenciados apenas uma vez, são esquecidos nas lembranças que há de vir, permaneceram apenas aqueles que constroem a si e a seu modo de si caber ao mundo.

– São os violões! Embrulha-a no lençol, e tira-a da cama. Os violões descem a rua, misturando a música e os passos nas pedras. As janelas fecham-se. O mundo inteiro encanta-se de novo no sono. Mas a menina descobre, maravilhada, que se pode estar acordado no meio da noite, que o mundo não se acaba, enquanto se dorme! Vê a lua boiando por cima das árvores. Sorri para a frescura do ar. E torna a inclinar-se sobre o geral esquecimento. [...] Ah! Mas então as nuvens não descansam! Há uma continuidade de vida por dentro da noite, quando se está de olhos fechados e de corpo insensível! Há fugas, suspiros... pode haver lágrimas. Pode haver mortes! (MEIRELES, 1983, sp).

No trecho acima de *Olhinhos de Gato* (1983) a delicadeza se faz presente nas noites, em dias de festa acordar com o barulho das ruas ou o silêncio sentido no meio da noite, o devaneio se mistura ao início da vida que sonha, são imagens que somente quem é criança pode fazer, *Olhinhos de Gato*, sozinha descobre sua vida desamparada no silêncio de seu mundo.

O cotidiano é tocado nas obras de Meireles, sua natureza dá alimento para as pequenas coisas, são chamados há momentos únicos em suas vivencias, suas cores. Adentrar nas obras de Cecília Meireles é também perceber que muito do que é descrito em suas obras reflete numa infância que não se sente mais hoje, as brincadeiras, as músicas, a inocência. Longe de brinquedos eletrônicos, a agudez se faz presente numa concha ou numa boneca de pano.

Quando nos deparamos com conhecimentos sobre infância é importante destacar o modo de vida das crianças ao longo da história. O francês Philippe Ariès, no livro *História Social da Infância e da Família* (1981), nos fala sobre a constituição da infância em sociedade na história. Períodos onde ocorriam grandes transformações históricas, especialmente no século XVII, têm-se na infância uma compreensão dentro do imaginário do homem em suas características sociais, políticas e econômicas. O mesmo aponta que havia separação entre adulto e infantil se fazia presente em meados desse mesmo século, a criança não poderia estar no mundo adulto e para isso ela deveria ocupar seu próprio espaço, sua infância.

Ariés (1981), aponta que não havia reconhecimento como primeira fase da vida, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, a fase infantil tal qual como conhecemos hoje foi, segundo o mesmo, construída ao longo da história, especialmente no decorrer do século XVII “a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento,

com características e necessidades próprias, e sim homens de tamanho reduzido”. (ARIÉS, 1981, P. 18).

E ainda segundo o autor, a arte medieval desconhecia ou não expunha a infância, é somente junto com as transições para a sociedade moderna que a infância começa a aparecer. Com a participação dos poderes públicos, da escola no século XVII surgem os primeiras preocupações com relação a infância, a educação também ganha espaço, como disciplinadora e mais preocupada com a formação dos meninos:

O primeiro sentimento de infância – caracterizado pela “paparicação” – surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes (ARIÉS, 1981, p. 104-105).

Questões voltadas a infância trouxeram em obras um mundo do qual o imaginário infantil se faz presente, nos poemas o universo infantil ganha uma nova maneira de descrever o mundo, a literatura traz o discurso perto de como a criança é apreendida pelos sentidos, pela a imaginação, a memória ou o pensamento.

Na obra *Olhinhos de Gato* (1983), citada ao longo deste trabalho, assim como em outras obras, o devaneio presente nos personagens se fazem presentes. *Olhinhos de Gato* é aquela criança solitária, imaginativa da qual o narrador em meio a história a descreve, imagina um mundo em detalhes e percebe nos objetos à sua volta que esse mesmo mundo se faz presente, a infância descrita nas obras de Meireles, concentram-se nos detalhes das pequenas coisas.

A criança que aparece nas obras de Cecília Meireles é capaz de sentir um mundo do qual o adulto não percebe as intenções que estão ali, a personagem Julieta em *Giroflé, Giroflá* (2003), é uma menina de dentes branquinha e muito rápida que conhece cores e doces, faz costura e conhece até seres extraterrenos:

Julieta era uma pretinha muito engraçada. Pulava num pé só, acreditava no SaciPererê, já tinha comido pitanga e conhecia o passarinho Bico-de-lacre. Usava colarzinho de coral, sabia muitas histórias de assombração, tocava qualquer música com um pedaço de papel de seda e um pente fino (MEIRELES, 2003c, p.26).

O contador ainda nos leva a estrela do mar e a conhecer sua casa, semelhante há um navio, o contador questiona quem era aquela menina, que conhecia tudo do mar, das conchas, das marés. Em *Olhinhos de Gato* (1983) também há as negrinhas que lhe vinham para contar

alguma história, no decorrer do livro *Olhinhos de Gato* brinca de cirando e “Ela achou muito singular dar a mão àquelas criancinhas desconhecidas” (MEIRELES, 1980, p. 96).

Olhinhos de Gato tem em Dentinho de Arroz sua ama o apreço pela e admiração por a mesma saber tanto das histórias, dos contos. *Olhinhos de Gato* recebe da ama o cuidado e o carinho em seu colo “bom dormir sobre o seu peito, diferente dos outros. Uma curva diferente. E um outro cheiro” (MEIRELES, 1983, sp.). Na narrativa, *Olhinhos de Gato* constrói uma relação amigável com as demais personagens, compartilham o mesmo mundo de fantasias, há o carinho dos adultos, porém não vivem no mundo fascinante de *Olhinhos de Gato*.

Nos últimos capítulos de *Olhinhos de Gato* (1983) estar sobre a personagem a desconfiança de varíola ou da “bexiga” como se era referido há doença naquele período. O descobrimento da doença na obra é tumultuada pela inquietação, uma mulher é levada até um curandeiro:

[...] Então, sentiu-se uma luz caminhar, ouviu-se o arrastar dos chinelos no assoalho, e viram-se os vidros das janelas todos vermelhos. E abriu-se o postigo e um rosto fatigado apareceu, e murmurou qualquer coisa em voz baixa.

E a mão suada, fria e dura, estremeceu, agarrando-se com força à mão da criança, e a voz suspirou inquieta: “É??....” E essa única letra tinha um som estranho, e prolongado, interminável, crescendo, crescendo no vazio da noite... [...]

A pessoa deixou-se cair numa cadeira, e disse, amarela, fria, arquejante, com os olhos projetados para fora: “Bexigas!”

A palavra sussurrou pela casa: “Bexigas...” e ainda mais baixo: “Bexigas.”

Boquinha de Doce suspirou apenas: “Seja o que Deus quiser!” (MEIRELES, 1983,sp).

O tratamento que *Olhinhos de Gato* recebe está ligado a medicamentos naturais ligados ao que se usavam de cura natural no período, o médico quase não aparece nas cenas ou de maneira esquivada ao tratar a doente, a imagem médica na obra foge, crendo na crença popular enraizada à época. A menina é protegida e cuidada pelas as demais companheiras da casa ao perceberem que a mesma está com qualquer doença as outras já se fazem presentes para tomarem todo o cuidado e fazer com que *Olhinhos de Gato* melhore, talvez pela orfandade, já não tem mais o pai ou a mãe ou seus irmãos.

Segundo Ariés (1981), é apenas por volta dos séculos XVI e XVII que esse “sentimento ligado a família” relacionado ao “sentimento de infância” gera a sensibilidade de imaginar o futuro da criança, livrando-a de algum mal e educando-a segundo suas regras. É

especialmente na escola como aponta Ariés que nasce o sentimento de cuidado, como qualidade da qual à afastariam desse mundo libertino:

Os tratados de educação do século XVII insistem nos deveres dos pais relativos à escolha do colégio e do preceptor, e a supervisão dos estudos, à repetição das lições, quando a criança vinha dormir em casa. O clima era agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças (ARIÉS, 1981, p. 159).

A menina, Olhinhos de Gato é vista como ingênua, sensível, frágil. O fato de estar doente deixam-na com medo da morte, o medo inconsciente da morte se faz presente qual se trata da menina e também por parte de quem estava ao seu lado, mesmo que à tentassem protege-la. Num diálogo com Boquinha de doce, amenina pergunta:

– E você também vai morrer?
 – *Olha os pombos! Olha os pombos! Olha o pardalzinho, olha, que bonito!*
 – Hein? Você também vai morrer? Diz!
 Maria Maruca vai passando com uma braçada de roupa:
 – *Arre, que raça de perguntadeira! Ninguém vai morrer, aqui, não. Aqui, todos vão ficar para semente!*
 – *Olha o pardalzinho... E olha os pombos de novo... olha os pombos!*
 – Fala! Você também vai morrer?
 Dentinho de Arroz vem buscá-la:
 – *Está na hora de irmos!?”* (MEIRELES, 1983, sp).

Aqueles que estavam há sua volta não queriam falar em coisas tristes como a morte, mais o olhar da menina estava presente no que julgavam ser o lado triste da vida, como a morte ou as doenças. Quando Josefina morre, em *Giroflé, Giroflá* (2003) a narrativa ganha um tom extremamente triste, vestida como anjo, como ainda hoje se é de costume, a menina é enterrada ao lado de poucos adultos, sendo vista como um pequeno ser sem pecados e que deixou esse mundo sem angústias ou dores físicas, talvez numa tentativa de poupar as crianças da dor, há uma separação entre o que seria um mundo adulto e infantil.

A escrita de Cecília Meireles nos reflete cheia de devaneio e em muitos momentos de solidão. A infância sonhadora da qual reflete muito na própria Meireles é capaz de reinventar uma infância que talvez ela própria estivesse ali. Aproximar-se do silêncio é também adentrar em profundezas que talvez estivesse presente por estar em meios há outras pessoas e se sentir só ou apenas pelo o estado de solidão da qual se sentia.

Ao longo deste trabalho podemos nos adentrar ao mundo da imaginação da qual Cecília, através dos seus escritos nos deixa, contos que em alguns momentos ou não guardam dimensões com a realidade da qual vivenciamos ou com algum momento histórico marcado por conflitos internos ou em sua realidade social. Registramos momentos que hora ou outra

estavam em busca de seus delicados tesouros, conchas. Por traz da ingenuidade de seus personagens havia a solidão e o medo das doenças, o barulho das festas ou de dias de comemoração e a infância e seus aprendizados ou ainda o mundo das cantigas de roda ou mais ainda sua solidão e seus devaneios de infância:

Uma solidão de infância sobre a qual se podia brincar, como sobre um tapete. Uma solidão que se podia ouvir, como quem olha para as árvores, onde há vento. Uma solidão que se podia ver, provar, sentir, pensar, sofrer, amar, Uma solidão como um corpo, fechado sobre a noção que temos de nós: como a noção que temos de nós. (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 1789).

Se adentrar as obras de Meireles é também reviver muito da infância, o devaneio presente em suas obras ora ou outra leva-nos a tocar brandamente, os mundos onde seus personagens habitam o envolvimento dos personagens se fazem presentes também na nossa imaginação, a completude do silêncio com o ajuntamento das pessoas adentram as raízes de sua infância contando suas experiências que ora ou outra estavam acumuladas.

Ao lidar com a escrita literária, especialmente infantil é também estar presente num cenário onde o sonho, a fantasia se fazem presentes, nas obras aqui presentes foi consignada a presença marcante dum universo imaginário, dentro de sua escrita se tornou em inúmeros momentos como um meio de resolver um caso, um problema enfrentado por seus personagens.

A poética traçados por Cecília Meireles nos deixa traços da infância sonhadora ou ao sentimento de solidão que nem sempre está diretamente ligado ao fato de estar sozinho, o interagir com outros personagens na sua escrita faz com que esse sentimento crie dimensões positivas de companheirismo e tendo em cada personagem suas particularidades. Personagens como Olhinhos de Gato torna possível percorrer espaços que ultrapassam limites possíveis a sua imaginação e encontra conhecimentos onde experimentam a vida e sua essência. Examinado assim suas obras pode-se compreender a representação da infância e da imaginação, quando vamos ao encontro de tal escrita nos encontramos num caminho de descobertas e continuidade.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho procurou-se abordar sobre as publicações voltadas ao público infantil em meados dos anos de 1930, período marcado por uma pretensa “Era Vargas”, pode-se perceber que o período delimitado é também marcado por uma escrita literária e que o mesmo apesar do momento histórico vivenciado ultrapassou momentos para além de questões políticas vivenciadas, é marcado também pela a literatura infantil, em especial como delimitado no presente trabalho pela a escrita de Cecília Meireles.

Nota-se ao longo deste trabalho como a escrita da mesma tomou espaço no período histórico delimitado, em seus comentários escritos ao jornal *O Diário de Notícias* escreveu sobre o imaginário infantil e questões voltadas há educação, atuou junto ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos Educadores (1959), do qual apoiou um novo modelo de educação onde deveria fugir dos moldes tradicionais que se tinham até então, nas páginas do jornal *O diário de Notícias* escreveu sobre o momento político daquele momento e opinou a cerca de temas como educação e infância.

Ao longo deste trabalho originou-se a abordagem de um contexto do qual há a escrita da mesma voltada para um âmbito educacional, feminino e como escritora infantil. Junto ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos Educadores (1959) propôs um novo modelo de educação, entre escola e família, do qual a criança deveria se expressar com liberdade, negando a educação voltada apenas ao patriotismo ou ao cívico.

Apesar de não estar diretamente ligada há movimentos feministas do período, escreveu também obras sobre mulher com sensibilidades, a mesma estava dentro da Academia Brasileira de Letras envolta por um cenário onde até então só era considerado por figuras masculinas. Procurou-se assim abordar como se deu sua escrita em meio ao público eminentemente masculino, nos trabalhos da mesma nota-se que há abertura de espaço dentro da Academia de Letras para que mulheres engajadas em discursões literárias e educacionais obtivessem maior acesso a escrita e a educação, como campo de ampliação de conhecimento e escrita.

Para além dessas discursões, Meireles voltou-se em sua escrita para obras infantis, livros como *Criança meu Amor* (1923), *Ou Isto ou Aquilo*, (1964), *Giroflé, Giroflá* (1956), *Olhinhos de Gato* (1983), abordadas neste trabalho ganharam destaque por tratar do imaginário infantil, em meio as descobertas dos personagens repousavam também

sentimentos como a solidão, o devaneio, a fantasia. Ainda sentimentos como recordações ganham espaço em suas narrativas, o sentimento em muitos momentos das obras como em *Olhinhos de Gato* (1983), a fragilidade e o encanto dos personagens em suas obras chamam a atenção e nos leva a perceber uma escrita infantil com rebuscamento. Ao decorrer deste trabalho visitamos um mundo do qual Meireles descreve, de forma imaginária e encantadora.

Assim, a partir da análise da delimitação e da pesquisa obtida através das leituras, abordou-se a vida e obra (s) de Cecília Meireles, as concepções em história, literatura infantil e os valores que se estavam presentes, o contexto político de determinado período. Procurando assim, contribuir para que percebamos o período delimitado além da vivência e escrita política.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patricia Vianna Lacerda de. **Cecília Meireles: uma cronista no cenário cultural e educativo (1930-1933)**. UERJ/PROPED.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

AZEVEDO, Fernando de. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. **Anos trinta e política: história e historiografia**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007. P. 159-182.

BOMENY, Helena. “**Três decretos e um ministério: a propósito da educação brasileira no Estado Novo**”. In: PANDOLFI, Dulce. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editorada FGV, 1999.

BLOCH, Pedro. **Cecília Meireles**. [Entrevista] **Manchete**. N. 630, p. 34-37, 16 mai. 1964. Disponível em <<http://acervo.revistabula.com/posts/entrevistas/a-ultima-entrevista-de-cecilia-meireles>>. Acesso em: 7 jun. 2013

BRITO, F. **visionários de um Brasil profundo: invenções da cultura brasileira em Jomard Muniz de Britto e seus contemporâneos**. 2016. 300 f. Tese (doutorado)- Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidades. Programas de Pós-Graduação em História, Fortaleza. 2016.

CAPELATO, Maria Helena. **O Estado Novo: o que trouxe de novo?** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida neves (org.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil republicano, v.2). p. 107-143.

CORRÊA, L. B. V. **Infância, escola e literatura infantil em Cecília Meireles**. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CORALINA, Cora. FRANÇA, Darcy. **Mulher da vida**. In: DENÓFRIO, 3. ed. São Paulo: Global, 2008, p. 261-265.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista: PTB, getulismo e cultura política popular (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GOMES, Jennifer Pereira. **Olhinhos de nuvens : infância e solidão na prosa de Cecília Meireles** / Jennifer Pereira Gomes. – 2014.

LAMEGO, Valéria. **A farpa da lira**. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 15.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezy (Org.). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAIS, Josenildo Oliveira de. **A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar [manuscrito]** / Josenildo Oliveira de Moraes. – 2011.

MEIRELES, Cecília. **Antologia poética**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Ou Isto ou Aquilo**. Rio de Janeiro. 1990.

MEIRELES, Cecília. **Olhinhos de Gato** / Cecília Meireles. - 3.ed. - - São Paulo : Ed. Moderna, 1983.

MEIRELES, Cecília. **Viagem**. Ed: Império, 1938.

MEIRELES, Cecília. **Giroflê, giroflá**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

NEVES, Margarida de Souza. Paisagens secretas: memórias da infância. In: _; LÔBO, Yolanda Lima e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). Cecília Meireles: a poética da educação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2001, p. 23-39. (Coleção Ciências Sociais; vol. 1).

PAÇO, Gláucia Machado de Aguiar. **O encanto da Literatura Infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão**. Mesquita, 2009.

RIO DE JANEIRO: *Diário de notícias*, página de educação, coluna comentário, 1930.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: ----- . (org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque á Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil, v. 3). P. 513-619).

SIRINELLI, Jean-François . “ **Os intelectuais**”. In: Rémond, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ/ Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1934.

TODOROV, Tzvetan a, 1939-. **Ás estruturas narrativas** / Tzvetan Todorov [tradução Leyla Perrone-Moisés]. — São Paulo: Perspectiva, 2006. — (Debates; 14 / dirigida por J. Guinsburg)

VIEIRA, Ana Paula Leite. **Cecilia Meireles e a educação da infância pelo folclore**. Niterói, 2013.

VIEIRA, Claubert Santos. **Histórias de ditaduras e lutas de resistências- contadas para crianças.** In: XXVIII Simpósio Nacional de História: lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis-SC, 2005.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Eunice Carvalho Rocha,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Entre a bailarina pequenina e o menino azul: a
escrita infantil de Cecília Meireles (décadas de 1920 e 1930)
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de setembro de 20 18.

Eunice Carvalho Rocha

Assinatura

Assinatura